

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA (APROFUNDAMENTO EM EDUCACAO
DO CAMPO)

LARISSA MARIA DA SILVA LIMA

**NUANCES DE UM PROJETO DE EXTENSÃO DO CURSO DE PEDAGOGIA (COM
ÁREA DE APROFUNDAMENTO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO):
UM ESTUDO DE CASO**

JOÃO PESSOA-PB

2022

LARISSA MARIA DA SILVA LIMA

NUANCES DE UM PROJETO DE EXTENSÃO DO CURSO DE PEDAGOGIA (COM
ÁREA DE APROFUNDAMENTO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO):
UM ESTUDO DE CASO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
apresentado ao Curso de Pedagogia com área de
aprofundamento em Educação do Campo, do Centro
de Educação da Universidade Federal da Paraíba,
como requisito parcial para obtenção do título de
licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Gislaine da Nóbrega Chaves

JOÃO PESSOA-PB

2022

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

L732n Lima, Larissa Maria da Silva.

Nuances de um projeto de extensão do curso de
Pedagogia (com área de aprofundamento em Educação do
Campo): um estudo de caso / Larissa Maria da Silva
Lima. - João Pessoa, 2022.

62 f. : il.

Orientação: Gislaine da Nóbrega Chaves.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Pedagogia - Área de Aprofundamento em Educação do
Campo) - UFPB/CE.

1. Extensão universitária. 2. Formação
extensionista. 3. Pandemia - Covid-19. 4. Educação do
Campo. I. Chaves, Gislaine da Nóbrega. II. Título.

UFPB/BS/CE

CDU 378.4(043.2)

LARISSA MARIA DA SILVA LIMA

**NUANCES DE UM PROJETO DE EXTENSÃO DO CURSO DE PEDAGOGIA (COM
ÁREA DE APROFUNDAMENTO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO):
UM ESTUDO DE CASO**

Monografia de graduação apresentada ao Centro de Educação, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia com área de aprofundamento em Educação do Campo.

RESULTADO: APROVADO

João Pessoa, 15 de Dezembro de 2022.

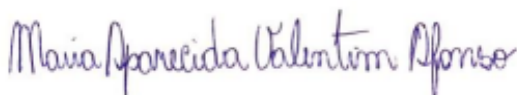
BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **GISLAINE DA NOBREGA CHAVES**
Data: 21/12/2022 09:43:48-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Dra. Gislaíne da Nóbrega Chaves (Orientadora)
Universidade Federal da Paraíba

Documento assinado digitalmente
 **ALINE BARBOZA DE LIMA**
Data: 21/12/2022 09:56:21-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Dra. Aline Barboza de Lima (Examinador)
Universidade Federal da Paraíba



Prof. Dra. Maria Aparecida Valentim Afonso (Examinador)
Universidade Federal da Paraíba

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Deus, por ter me permitido ingressar e permanecer neste curso...

Agradeço a minha família pelo o apoio em específico minha irmã Leomira que vem me acompanhar desde o início do curso...

Agradeço as amigas que encontrei no meio dessa trajetória em especial a Ana Roberta, Edinilza Gomes e Sabrina Silva...

Agradeço ao meu noivo que esteve sempre comigo durante todos os momentos de conquistas e dificuldades, e que foi quem sempre acreditou no meu potencial mesmo quando eu não o enxergava, e me incentivou a trilhar novos caminhos...

Agradeço a minha orientadora Gislaine Chaves por toda paciência e conhecimento compartilhado...

E a todos/as àqueles/as que contribuíram de forma direta e indireta para minha formação, meus agradecimentos.

RESUMO

O presente trabalho surgiu do interesse pessoal da autora em pesquisar acerca do processo formativo extensionistas, tendo como objetivo de estudo analisar o processo formativo extensionista no projeto “UFPB no combate à covid-19: O protagonismo das mulheres do campo quilombolas na economia popular solidária e o seus fazeres educativos”. Para embasar essa pesquisa foram utilizados teóricos que abordam a extensão e a educação do campo, a exemplo de Freire (1983), Jezine (2004), Caldart (2009), entre outros estudiosos de mesma relevância, além de dispositivos legais. O tipo de pesquisa mais adequado para atingir os objetivos propostos foi a pesquisa qualitativa e de campo, caracterizando-se ainda como exploratória e descritiva. Os dados foram coletados por meio de questionário misto e entrevista semiestruturada. A análise de conteúdo (BARDIN, 1979) contribuiu para a organização, sistematização, categorização e análise dos dados da pesquisa. Os resultados apontam que a pandemia da covid-19 influenciou de forma negativa na formação extensionista das participantes do projeto. As extensionistas afirmaram que o projeto contribuiu para sua formação acadêmica e/ou profissional, como contraponto apontaram as dificuldades encontradas devido ao isolamento social, como por exemplo, desencadeamento de crises de ansiedade e depressão, tendo que executar as tarefas no formato remoto.

Palavras-Chave: Extensão Universitária. Formação Extensionista. Pandemia da Covid-19. Educação do Campo.

ABSTRACT

The present work arose from the author's personal interest in researching the extensionist training process, with the objective of studying to analyze the extensionist training process in the “UFPB project in the fight against covid-19: The protagonism of women from the quilombola countryside in the solidary popular economy and the their educational activities”. To base this research, theorists who address the extension and education of the field were used, such as Freire (1983), Jezine (2004), Caldart (2009), among other scholars of the same relevance, in addition to legal provisions. The most appropriate type of research to achieve the proposed objectives was qualitative and field research, still characterized as exploratory and descriptive. Data were collected through a mixed questionnaire and semi-structured interview. Content analysis (BARDIN, 1979) contributed to the organization, systematization, categorization and analysis of research data. The results indicate that the covid-19 pandemic had a negative influence on the extensionist training of the project participants. The extensionists stated that the project contributed to their academic and/or professional training, as a counterpoint they pointed out the difficulties encountered due to social isolation, such as triggering anxiety and depression crises, having to perform tasks in a remote format.

Keywords: Extensionist Training. Covid-19 pandemic. University Extension. Countryside Education.

LISTA DE SIGLAS

AEXTCE – Assessoria de Extensão do Centro de Educação
CNE – Conselho Nacional de Educação
CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CSSE – Ciência e Engenharia de Sistema
ECOSOL – Economia Popular Solidária
ERE – Ensino Remoto
FORPROEX – Fórum de Pró-Reitores da Extensão das Universidades Públicas Brasileiras
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IES – Instituições de Ensino Superior
LDB – Lei de Diretrizes e Base
MEB – Movimento de Educação Básica
MEC – Ministério da Educação
MPC – Movimento de Cultura Popular
MS – Ministério da Saúde
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
OMS – Organização Mundial de Saúde
PNAES – Programa Nacional de Assistência Estudantil
PNE – Plano Nacional de Educação
PROBEX – Programa de Bolsas de Extensão
UFPB – Universidade Federal da Paraíba
UNE – União Nacional dos Estudantes

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E FORMAÇÃO EXTENSIONISTA	13
2.1.1 Histórico da Extensão Universitária	13
2.1.2 Concepções da Extensão Universitária.....	15
2.1.3 UFPB e Extensão Universitária.....	18
2.2 Formação Extensionista.....	20
2.3 Educação do Campo	22
2.4 Pandemia da Covid-19	24
2.4.1 Historicidade das Pandemias	24
2.4.2 Pandemia do coronavírus e os impactos na área educacional do Brasil.....	28
3 DESENHO METODOLÓGICO DA PESQUISA	33
3.1 Classificação e contextualização da pesquisa.....	33
3.2 Instrumentos de coleta de dados	34
3.3 Análise de dados e princípios éticos da pesquisa	37
3.4 Estado da Arte	38
4. DIZERES EXTENSIONISTAS ACERCA DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA UFPB: FALAS DA COORDENAÇÃO DE EXTENSÃO E DE EX-BOLSISTAS DO PROJETO UFPB NO COMBATE À COVID-19: O PROTAGONISMO DAS MULHERES DO CAMPO QUILOMBOLAS NA ECONOMIA POPULAR SOLIDÁRIA E O SEUS FAZERES EDUCATIVOS.....	40
4.1 A extensão na perspectiva da Coordenação de Extensão do Centro de Educação (CE)....	40
4.2 O que pensam as discentes acerca do processo formativo extensionista no projeto	46
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
6 REFERENCIAS	60
APÊNDICE	64

1 INTRODUÇÃO

O presente tema surge de uma inquietude pessoal, enquanto discente do curso de licenciatura em Pedagogia (com área de aprofundamento em Educação do Campo) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e ex-participante voluntária do Programa de Bolsas de Extensão (PROBEX), decorrente o interesse de investigar o processo formativo extensionista no projeto UFPB no combate à covid-19: O protagonismo das mulheres do campo quilombolas na economia popular solidária e o seus fazeres educativos.

O Programa de Bolsas de Extensão da Universidade Federal da Paraíba é um programa de formação de alunos voltado para ações sociais do estado da Paraíba, o mesmo oferece bolsas de 400 reais aos estudantes selecionados pelos coordenadores dos projetos. O PROBEX abrange ações nas oito áreas definidas pela Política Nacional de Extensão. São elas: Educação; Meio Ambiente; Comunicação; Cultura; Trabalho; Direitos Humanos; Tecnologia e Saúde. Assim, permite que os discentes de qualquer curso vivenciem experiências fora da universidade, que é denominado como extensão universitária, uma ação das universidades junto às comunidades, onde ocorre uma partilha de conhecimento adquiridos por meio do ensino e da pesquisa com o público externo. “A extensão é constituída [...] como um processo educativo, cultural, científico e tecnológico que articula o ensino e a pesquisa, de forma indissociável, e viabiliza a relação transformadora entre a Universidade e a sociedade” (Universidade Federal da Paraíba, 2021).

No final do ano de 2019, especificamente no mês de dezembro, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada sobre vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China. Tratava-se de uma nova cepa (tipo) de coronavírus que não havia sido identificada antes em seres humanos. No dia 26 de fevereiro (quarta-feira) de 2020 é confirmado no Brasil o primeiro caso da Covid-2019, de um “homem de 61 anos que deu entrada no Hospital Israelita Albert Einstein, com histórico de viagem para Itália” (UNA-SUS, 2020).

Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia. O termo ‘pandemia’ se refere à distribuição geográfica de uma doença e não à sua gravidade. A designação reconhece que, no momento, existem surtos de COVID-19 em vários países e regiões do mundo (Organização Pan-Americana da Saúde, 2020).

Com a pandemia, algumas medidas foram tomadas pelo governo brasileiro, entre elas estavam o isolamento social, conhecido muito como o “se puder, fique em casa” e

flexibilização do calendário escolar. A Medida Provisória 934/2020 diz que as escolas de educação básica e instituições de ensino superior, públicas e privadas, poderão distribuir a carga horária em um período menor do que o previsto na legislação.

Diante disso, surgiu o Ensino Remoto Emergencial (ERE) no qual o ensino era realizado por meio das tecnologias digitais de informação e comunicação, variadas ferramentas foram utilizadas para facilitar esse momento atípico, como por exemplo, *Google Classroom*, *Jamboard*, *Meet*, *KaHoot!* e *Drive*¹ e na Extensão Universitária não foi diferente.

O projeto UFPB no combate à covid-19: O protagonismo das mulheres do campo quilombolas na economia popular solidária e o seus fazeres educativos, iniciou-se durante a pandemia em 03 de maio de 2021 e terminou no dia 30 de abril de 2022, os seus processos formativos ocorreram, majoritariamente, de forma remota, mas, também, com atividades presenciais e participativas, com momentos síncronos e assíncronos, culminado em rodas de diálogo.

Considerando os desafios envolvidos na realização de um projeto de extensão durante a pandemia procura-se saber: como ocorreu o processo formativo extensionista no projeto UFPB no combate à Covid-19: o protagonismo das mulheres do campo quilombola na economia popular solidária e o seus fazeres educativos? Parte-se do pressuposto de que a pandemia da Covid-19 prejudicou o projeto, impedindo ou limitando a execução de determinadas ações.

A pesquisa tem como objetivo geral analisar o processo formativo extensionista no projeto UFPB no combate à covid-19: O protagonismo das mulheres do campo quilombolas na economia popular solidária e o seus fazeres educativos. Elaborou-se os seguintes objetivos específicos: Identificar as atividades realizadas no projeto; Refletir sobre as ações realizadas no projeto de extensão; Identificar aspectos que apontam para êxito e dificuldades assinaladas; Descrever como ocorreu o processo formativo extensionista durante a Pandemia da Covid-19, e por fim, Compreender como ocorre o processo formativo extensionista.

A metodologia utilizada é pautada em uma abordagem qualitativa, tendo como tipo de pesquisa exploratória e descritiva, sendo uma pesquisa de campo, realizada através de uma

¹ O Google Sala de Aula, dá para criar um painel de gerenciamento para cada turma que um educador leciona. Funciona como um diário de classe avançado, pois além da presença, existem várias funções; O Jamboard funciona como um quadro onde o professor pode escrever, fazer desenhos, gráficos como se estivesse usando uma lousa normal; O Google Meet permite que a partir de uma conta Google gratuita seja possível iniciar chamadas de vídeo ou voz de até 60 minutos com limite de até 100 pessoas; O KaHoot! serve para criar jogos de aprendizagem e organizar sessões de jogos (kahoots) ao vivo; O Drive é um serviço de armazenamento na nuvem gratuito, onde o professor pode guardar arquivos de diferentes formatos: documentos de texto, PDF, planilhas, apresentações de aulas, fotos, etc.

análise de dados que tem como instrumento de análise o uso de questionário misto com ex-participantes extensionistas (bolsistas e voluntárias) do projeto UFPB no combate à covid-19: O protagonismo das mulheres do campo quilombolas na economia popular solidária e o seus fazeres educativos, e entrevista semiestruturada com a coordenadora adjunta da Assessoria de Extensão do Centro de Educação.

A próxima seção traz como discussão as concepções da extensão universitária e a formação extensionista.

2 EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E FORMAÇÃO EXTENSIONISTA

2.1.1 Histórico da Extensão Universitária no Brasil

As ações de extensionistas chegaram ao Brasil entre os anos de 1911 e 1917 no século XX, mas pioneiros dessas práticas foram os ingleses durante a revolução industrial, onde criaram universidades populares com cursos voltados para jovens que trabalhavam nas fábricas do país, e esse modelo começou a ser imitado pelas universidades tradicionais de Cambridge e Oxford, que ofereceram cursos de curta duração em comunidades suburbanas e rurais de Londres (UNIT, 2021). O modelo foi implementado por outras universidades europeias, como Bélgica, França, Suécia, Alemanha e Espanha. No final do século, as primeiras universidades dos Estados Unidos, como as de Chicago e Wisconsin, também adotaram o modelo de extensão universitária em língua inglesa, mas acrescentaram mais conteúdo técnico e focaram na prestação de serviços para fins de especialização. Foi esse modelo americano, misturado com a experiência das famosas universidades francesas, que veio parar no Brasil (UNIT, 2021).

Oficialmente, a extensão universitária no Brasil começou a ser regulamentada dentro do Decreto 19.851, de 1931, que reformou o ensino superior no país e estabeleceu o formato das instituições do setor. Durante o governo de Getúlio Vargas o ministro da educação autorizou as instituições de ensino superior públicos e privados a criarem cursos de extensão universitária, que beneficiassem o coletivo, tendo atividades técnicas e científicas nessas instituições, e defendendo que a extensão universitária deveria ser efetivada por meio de cursos e conferências de caráter educacional ou utilitário, organizados pelos diversos institutos da universidade, com prévia autorização do conselho universitário.

A partir da década de 1950, estudantes universitários liderados pela União Nacional dos Estudantes (UNE) desenvolveram uma gama de programas de alfabetização, educação e cultura que se consolidaram nos Movimentos de Educação Básica ²(MEB) e Cultura Popular ³(MPC). Em maio de 1960, ocorreu o primeiro Seminário Nacional da Reforma Universitária organizado pela UNE, do qual apontou como três objetivos básicos:

² O MEB foi criado em 1961, pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), para desenvolver um programa de educação de base por meio de escolas radiofônicas.

³ MCP foi criado em maio de 1960, como uma instituição sem fins lucrativos, por estudantes universitários, artistas e intelectuais, durante a primeira gestão de Miguel Arraes na prefeitura do Recife. O MCP tinha por objetivo formar uma consciência política e social nas massas trabalhadoras no intuito de prepará-las para uma efetiva participação na vida do país.

1) a luta pela democratização do ensino, com o acesso de todos à educação, em todos os graus; 2) a abertura da universidade ao povo, mediante a criação de cursos acessíveis a todos: de alfabetização, de formação de líderes sindicais (nas Faculdades de Direito) e de mestres de obras (nas Faculdades de Engenharia), por exemplo; e 3) a condução dos universitários a uma atuação política em defesa dos interesses dos operários. (PAULA, 2013, p. 14 *apud* POERNER, 1968, p. 202).

Foi nesse contexto que surgiu a atuação do educador pernambucano Paulo Freire (1921-1997), que desenvolveu uma aproximação com as realidades locais das abordagens educativas e uma maior troca de saberes com cada comunidade, e a mobilização dos estudantes nas campanhas de alfabetização de adultos. “A reação a essas conquistas veio com o golpe civil-militar de 1964, que foi também um golpe contra a Educação Popular. Vários movimentos de jovens e adultos foram desmantelados e a representação estudantil eliminada” (GADOTTI, 2017, p.1). Após o golpe militar de 1964, novas reformas ocorreram no sistema universitário brasileiro, culminando na reforma de 1968 (Lei 5.540/68), estabeleceu que “as universidades e as instituições de ensino superior estenderão à comunidade, sob a forma de cursos e serviços especiais, as atividades de ensino e os resultados da pesquisa que lhe são inerentes” (Artigo 20). No mesmo ano, sob o comando do antigo Ministério do Interior, foi criado o projeto Rondon, no qual professores universitários passaram a acompanhar equipes militares em áreas remotas da Amazônia, nas quais realizavam uma série de ações de saúde, educação, meio ambiente e agricultura. O Rondon foi extinto em 1989 e recriado em 2005.

A extensão começou a tomar forma na estrutura das universidades a partir da década de 1970, com a criação do Fórum de Pró-Reitores da Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX), dedicadas à área nas universidades públicas. “Para o FORPROEX a extensão universitária foi entendida como um processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade” (GADOTTI, 2017, p.3).

Em 1987, os pró-reitores convocam o primeiro encontro nacional para definir a extensão universitária como uma "via de mão dupla" entre universidade e sociedade, interligando os campos de ensino e pesquisa, possibilitando uma relação transformadora entre as partes. “O FORPROEX organizou a atuação da extensão universitária em oito áreas temáticas: saúde, educação, trabalho, meio ambiente, comunicação, direitos humanos e justiça, tecnologia de produção e cultura” (PAULA, 2013, p.20). O documento da conferência foi uma das bases sobre as quais a constituição de 1988 foi formulada, e o artigo 207 da constituição menciona explicitamente que as universidades devem respeitar o "princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão".

Sob esse princípio, a extensão universitária se consolidou na lei e na prática em todo o Ensino Superior brasileiro. A Lei de Diretrizes e Bases (LDB), promulgada em 1996, define em seu artigo 43 que o Ensino Superior tem como uma de suas finalidades “promover a Extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição”.

As atividades de extensão também estão definidas na LDB e começam a ser consideradas em todas as versões do Plano Nacional de Educação (PNE). O mais recente deles, 2014-2023, definiu o Currículo Ampliado, identificando todas as unidades de ensino superior para incluir seus programas e disciplinas nas grades curriculares das instituições, até que elas se equivalham a 10% dos currículos de cada curso, com prioridade para áreas de grande pertinência social. A implementação dessa medida veio a ser regulamentada em 2018, com a Resolução 7 do Conselho Nacional de Educação (CNE). A Extensão Universitária no Brasil analisada cronologicamente, pode-se destacar três grandes etapas:

I) a anterior a 1964, cuja centralidade foi dada pela campanha pela Escola Pública e pela aproximação com o movimento das Reformas de Base, a partir de obra e de prática de Paulo Freire; II) a etapa que vai de 1964 a 1985, polarizada pela emergência e demandas dos movimentos sociais urbanos; III) a terceira etapa corresponde ao período pós-ditadura e se caracteriza pela emergência de três grandes novos elencos de demandas: 1) as decorrentes do avanço dos movimentos sociais urbanos e rurais; 2) as que expressam a emergência de novos sujeitos e direitos, que ampliaram o conceito de cidadania; 3) as demandas do setor produtivo nos campos da tecnologia e da prestação de serviços (PAULA, 2013, p. 19).

Sendo assim, a extensão universitária vem passando por varias mudanças e adequações, para se tornar a extensão dos tempos atuais, a implementação de 10% dos currículos dos cursos ainda estão sendo organizadas em algumas universidades, com isso ainda não foram aplicadas aos novos currículos dos cursos.

2.1.2 Concepções da Extensão Universitária

Segundo Gadotti (2017), a extensão universitária na prática existe duas vertentes, uma mais assistencialista e outra não assistencialista, também pode-se dizer, uma prática extensionista e outra não extensionista. A primeira entende a Extensão Universitária como a transmissão vertical do conhecimento, um serviço assistencial, desconhecendo a cultura e o saber popular.

Basicamente essa concepção sustenta que “aqueles que têm, estendem àqueles que não têm. Essa visão assistencialista traz, pois, uma direção unilateral, ou seja, é uma espécie de rua de mão única: só vai da universidade para a sociedade. A mão inversa não é considerada. É interpretada como não existente. Logo, não se leva em conta o que vem da sociedade para a universidade, seja em termos da sociedade sustentando o ensino superior, seja em termos do próprio saber que a universidade elabora. Entretanto, para que a universidade se insira efetivamente na sociedade de modo consequente, é necessário que se considere a mão inversa também” (GADOTTI, 2017, p.2 apud CALDERÓN, 2003, p.37).

A segunda vertente entende a extensão como comunicação de saberes. É uma visão não assistencialista, não extensionista de Extensão Universitária.

A proposta de Paulo Freire de substituição do conceito de extensão pelo de comunicação vai nesta linha. Ela se fundamenta numa teoria do conhecimento, respondendo à pergunta: como se aprende, como se produz conhecimento. Uma teoria do conhecimento fundamentada numa antropologia que considera todo ser humano como um ser inacabado, incompleto e inconcluso, que não sabe tudo, mas, também, que não ignora tudo (GADOTTI, 2017, p.2).

Para Freire (1985, p. 22), a extensão tem sido entendida como transmissão, transferência, invasão e não como comunicação, como co-participação dos sujeitos no ato de conhecer.

[...] o termo extensão se encontra em relação significativa com transmissão, entrega, doação, messianismo, mecanicismo, invasão cultural, manipulação etc. E todos estes termos envolvem ações que, transformando o homem em quase 'coisa', o negam como um ser de transformação do mundo. Além de negar, como veremos, a formação e a constituição do conhecimento autênticos. Além de negar a ação e a reflexão verdadeiras àqueles que são objetos de tais ações (FREIRE, 1985, p.22).

Segundo Gadotti (2017, p.5) Freire entende a extensão como “ação cultural”, “por cultura ele entende o que fazemos, como práxis, como ‘ação transformadora’ - transformar o meio natural em meio cultural - isto é, trabalho, seja ele material ou imaterial, social ou produtivo, manual ou intelectual”.

Jezine (2004) Destaca que a extensão universitária possui três vertentes, nomeadas como concepção assistencialista, concepção acadêmica e a concepção mercantilista. Na concepção assistencialista ela traz alguns apontamentos, que quando a extensão tem uma função de “resolver os problemas” sociais da comunidade em questão, de prestar serviços como atividade própria da extensão universitária, com o argumento do “compromisso social”

acaba muitas vezes fazendo o papel que deveria ser feito pelos órgãos governamentais. A concepção assistencialista tem como característica o monopólio do conhecimento, a universidade como detentora do saber, descredibilizando todo conhecimento não científico. Jezine (2004), também comenta que por mais que ainda seja utilizada a concepção assistencialista em alguns projetos, as universidades já expressam uma nova postura para a extensão universitária, pautando-se pelo princípio educativo.

Nessa perspectiva a extensão universitária, pretende deixar de ser uma função esporádica e assistemática para caracterizar-se como uma função acadêmica, que compõem o pensar e o fazer universitário, constituindo-se parte integrante do currículo em uma perspectiva de interdisciplinaridade e indissociabilidade entre ensino e pesquisa (JEZINE, 2004, p. 2).

Com o intuito de superar a prestação de serviços assistencialistas, as extensões seguem um novo pensamento do qual é focado nas relações de teoria-prática, tendo como caminho a relação dialógica entre universidade e sociedade, como oportunidade de troca de saberes. Desse modo “a concepção de extensão como função acadêmica se opõe a ideia de que constitua uma atividade menor na estrutura universitária, a ser realizada por professores sem titulação, nas sobras de tempo disponível e que o trabalho junto às comunidades carentes é uma solidariedade individual” (JEZINE, 2004, p.3).

Sendo assim a universidade não se utiliza do papel de prestação de serviços, nem do compromisso social com as classes populares, e sim, uma troca de conhecimentos entre instituição e comunidades, desse modo ambos os lados são beneficiados, “na busca de uma relação de reciprocidade, mutuamente transformadora, em que o saber científico possa se associar ao saber popular, a teoria à prática em um constante movimento dialético permeado pela realidade social e a experiência do pensar e fazer” (JEZINE, 2004, p.3). Caracterizando-se assim, como a concepção acadêmica onde a universidade comunga com as comunidades, havendo uma troca de conhecimentos entre ambas as partes.

A adoção dessa concepção pelas diferentes universidades não as conduz a relegar a prestação de serviços, nem o compromisso social da universidade com as classes populares. Assim, o caminho não é unilateral da universidade para a sociedade, mas há a preocupação em auscultar as expectativas produzidas pela sociedade [...] a universidade como a extensão universitária, ganham um novo sentido, deixam de ser redentoras da sociedade e passam a ser instrumento capaz de promover a organização política, social e cultural dos grupos desagregados, a partir da relação entre a alta cultura e cultura popular, entre teoria e prática (JEZINE, 2004, p.3).

A constante evolução da sociedade e dos seus meios econômicos, têm provocado significativas mudanças no que se refere ao papel social da universidade e da extensão universitária. Fatores como os avanços tecnológicos e as informações sendo de fácil acesso apenas com um toque na tela de um celular, a cobrança para com as universidades como provedoras do conhecimento tem aumentado, exigindo uma nova postura no que diz respeito às condições materiais de produção do seu trabalho. Sendo assim, “a competitividade do mercado coloca em ‘xeque’ a qualidade do seu produto e a sua própria existência como instituição destinada à produção do saber, instigando com isso o estado de crise por que passam as instituições públicas sociais, em especial as universidades” (JEZINE, 2004, p.4).

Diante disso, as concepções da extensão universitária passam a ter novas significações na prática curricular, desvinculando-se da prioridade do assistencialismo, que seria a prestação de serviços à comunidade, ou mesmo a relação teoria-prática que seria a interação entre universidade e sociedade, e passa a priorizar aspectos econômicos e parcerias com outras instituições, deixando de privilegiar o atendimento aos grupos excluídos e passa a tratar a todos como consumidores, características da concepção mercantilista. Segundo a autora “o produto da universidade transforma-se em mercadoria a ser comercializada e a extensão passa a ser um dos principais canais de divulgação e articulação comercial”, como enfatizada no trecho abaixo:

Essa concepção de extensão universitária, caracterizada como mercantilista, traz em seu contexto a formação ideológica de um projeto de privatização da universidade, que substitui a possibilidade de igualdade de acesso pelo pagamento de taxas e pela adoção de outros instrumentos que não representam a identidade de uma universidade pública e gratuita (JEZINE, 2004, p.4).

Sendo assim, diante dessas concepções pode-se analisar que as ações extensionistas patrocinadas pelas universidades continuam sendo insuficientes para as populações pobres, mas compreende-se que não será a extensão universitária que mudará essa realidade de desigualdades sociais, mesmo ela sendo assistencialista, academia ou mercantilista. Todavia, não se descarta a necessidade da extensão para que possa proporcionar a interação das instituições de ensino com as realidades das comunidades.

2.1.3 UFPB e Extensão Universitária

A Universidade Federal da Paraíba (UFPB) tem como um dos princípios a articulação entre ensino, pesquisa e extensão, tendo como Resolução Nº 76/1997 art. 3º estimular o desenvolvimento da criatividade na busca de soluções frente ao confronto do saber científico com o saber popular, aprimorando o processo formativo de profissionais enquanto cidadãos. A UFPB considera a extensão universitária como:

um processo educativo, cultural e científico que, sob o princípio da indissociabilidade, promove a articulação do conhecimento gerado pela pesquisa com as atividades de ensino em função dos problemas, demandas, direitos e deveres da sociedade e das necessidades do desenvolvimento regional” (BUVINICH, CARVALHO e GUERRA, 2011, p.2).

A UFPB considera que a extensão proporciona aos discentes oportunidades de terem experiências fora de sala de aula em espaços não formais, relacionando a teoria à prática, pois acredita que a extensão assistencialista é utilizada cada vez menos, assim priorizar o diálogo, e a interação, assim como a troca de conhecimento entre a instituição e a sociedade. Buvinich, Carvalho e Guerra (2011) apontam que a extensão universitária dispõem de dois objetivos principais, o primeiro é colaborar para a transformação da sociedade, acatando as suas necessidade e demandas, o segundo objetivo é auxiliar os/as discentes a adquirirem competências necessárias para uma melhor atuação profissional. E para alcançar esses objetivos da extensão o FORPROEX classifica cinco categorias para sistematizar as ações extensionistas, tais como: projetos, programas, eventos, cursos e prestação de serviços, que podem ser de caráter educativo, social, cultural, científico e tecnológico.

O PROJETO é definido como um conjunto de ações de extensão integradas com a pesquisa e o ensino que persegue objetivos específicos direcionados a atender demandas e conseguir mudanças nas instituições e grupos sociais, num prazo determinado (por exemplo, os projetos apoiados pelo PROBEX que a UFPB promove).

Já o PROGRAMA tem um caráter mais amplo e possui objetivos e diretrizes institucionais mais abrangentes. No programa se articulam projetos e outras ações (cursos, eventos e prestação de serviços) que possuem objetivos convergentes implementáveis no médio e longo prazos.

CURSOS de extensão são ações pedagógicas de caráter teórico e/ou prático, presencial ou a distância, com carga horária planejada e organizada de, no mínimo, oito horas, com critérios de avaliação pré-definidos, realizadas de modo sistemático para diversos públicos. Pelas normas da UFPB, os cursos de extensão não podem ter carga horária inferior a 15 horas. Portanto, os cursos abaixo dessa carga horária são considerados eventos.

EVENTOS são ações que implicam na apresentação e/ou exibição pública (livre ou com clientela específica) do conhecimento ou produto cultural, artístico, esportivo, científico e tecnológico, desenvolvido, conservado ou reconhecido pela Universidade. Entre os eventos de extensão temos

congressos, seminários, ciclos de debates, exposições, espetáculos, eventos esportivos, festivais, campanhas e outras ações pontuais.

Por último, são consideradas como ações de extensão as PRESTAÇÕES DE SERVIÇO, tais como: atendimento ao público em espaços de cultura, ciência e tecnologia; serviços de assessoria e consultoria; patentes; contratos de transferência de tecnologia; exames e laudos técnicos; atendimento jurídico e judicial; atendimento em saúde humana e animal (BUVINICH, CARVALHO E GUERRA, 2011, p.3).

. O FORPROEX adota as oito áreas de conhecimento definidas pelo CNPq e estabelece oito áreas temáticas e 53 linhas de extensão, as áreas de conhecimentos são: Ciências Exatas e da Terra; Ciências Biológicas; Engenharia/Tecnologia; Ciências da Saúde; Ciências Agrárias; Ciências Sociais; Ciências Humanas e Linguística, Letras e Artes. As áreas temáticas: Educação; Meio Ambiente; Comunicação; Cultura; Trabalho; Direitos Humanos; Tecnologia e Saúde.

Os programas de extensão possuem um papel importante para a vida dos/as discentes universitários, pois proporcionam experiências fora das instituições. A autora desse trabalho passou por essa experiência de participar de um projeto de extensão durante o período da pandemia da covid-19, e consequentemente o seu olhar para extensão pode ser diferente de outros/as discentes que executaram os projetos antes/pós pandemia, pois a autora não pode vivenciar o momento em campo, o “cara à cara” com as pesquisadas, mas a extensão universitária vai além desses momentos, o projeto UFPB no combate à covid-19: O protagonismo das mulheres do campo quilombolas na economia popular solidária e o seus fazeres educativos, mesmo durante a pandemia realizou outras praticas extensionistas, elaborando eventos *on-line* para discutir acerca das práticas da Economia Popular Solidária (ECOSOL), houve a prestação de serviços por parte da coordenadora e a bolsista do projeto junto com colaboradores, onde elaboraram mini cursos para auxiliar os empreendimentos das mulheres pesquisadas pelo projeto.

2.2 Formação Extensionista

A extensão é um elemento importante para formação universitária em todas as áreas de atuação, principalmente para formação docente dos cursos de pedagogia ou pedagogia com ênfase em educação do campo. Segundo Ferreira (2021, p.18)

A extensão do Ensino Superior no Brasil tem sido amplamente discutida nos âmbitos formativos por se tratar de um dos eixos considerados essenciais na forma universitária que tem sido conduzida sob o tripé: Ensino, Pesquisa e

Extensão – Termo constitucional regulamentado pela Emenda constitucional – EC, número 11 de 1996 (CF, 1988, p. 136 –Revisão publicada em 2010).

A Constituição Federal de 1988 determina que a formação superior deva trabalhar igualitariamente ensino, pesquisa e extensão, sendo assim a formação extensionista tem um papel importante na formação superior. “Art. 207. As universidades gozam, na forma da lei, de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial e obedecerão ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”.

A academia tem como função garantir que os/as discentes adquiram o conhecimento por meio do ensino, isto é, nas aulas assistidas, através das pesquisas científicas tenham o embasamento teórico, e na extensão possam ter o contato com a sociedade pondo em prática o que foi aprendido, com isso, tenham uma trajetória significativa nas suas formações, contribuindo para o crescimento profissional e humano.

Os projetos de extensão voltados para formação docente podem contribuir na construção de saberes, “a participação dos/as acadêmicos/as nas atividades de extensão pode possibilitar o contato com estudos sistemáticos aliados às experiências pedagógicas desenvolvidas nas escolas, assim como a problematização das diversas dimensões das ações docentes, como a didática” (MARTINS, MARTINS FILHO e SOUZA, 2021, p.3).

A extensão universitária contribui na formação docente do ponto de vista que os/as discentes são os/as protagonistas nos projetos de extensão, sendo essenciais para o desenvolvimento das ações, com isso eles/as aprendem na prática, seguindo o pensamento de “aprender fazendo” Freire (2015, p.25), ressalta que “quem ensina aprende ao ensinar. E quem aprende ensina ao aprender”.

Para os/as discentes a extensão universitária é uma facilitadora da aprendizagem por meio das ações desenvolvidas na comunidade, participar desses programas instiga os/as discentes e os estimulam a adquirirem mais competências (ROLIM, 2019). A extensão no âmbito da formação possibilita os/as extensionistas desenvolver novas percepções, contribuições dispostas pela universidade, com isso ao desenvolverem suas ações socioeducativas cooperam com a formação de outros sujeitos, assim além de adquirir conhecimentos enriquecendo suas competências, partilham dos seus saberes com as comunidades. “A Extensão Universitária configura-se como um processo mediador que favorece a relação entre o conhecimento e a sociedade ao oportunizar a aprendizagem por meio de ações efetivadas, valorizando o convívio social como algo essencial para o engajamento dos grupos” (ROLIM, 2019, p.20).

A formação docente por meio da extensão universitária configurasse como mais espaço de atuação para os/as professores/as, pois os/as colocam em contato direto com a profissão. Logo, não deve ser tomada apenas como uma prática pela prática, mas ser intencional e estar ligada diretamente com a formação do aluno, em consonância com o saber apreendido nas salas de aula, numa perspectiva que o leve a assimilar os saberes teóricos ao ter contato com a prática. Tal situação o possibilita formar sua práxis educativa, ao perceber a teoria na prática e a prática presente na teoria, o que lhe permite conceber a percepção da unidade teoria-prática, e assim estime ambos conhecimentos [...] (CAMPOS, 2019, p. 34).

Campos (2019, p. 35) apud Kochhann (2017) “compreende a extensão universitária como um componente formativo que viabiliza a composição de conhecimentos que encaminhem seus partícipes à formação crítica e emancipadora”. Não podemos denominar a extensão como responsável por selecionar todas as dificuldades enfrentadas pela sociedade, isso cabe as instituições governamentais tomarem providências cabíveis, o mesmo se encaixa para formação de docentes, não é possível fechar todas as brechas da formação através da extensão, mas por meio dela consegue-se ter acesso ao conhecimento, criar caminhos para autonomia crítica.

A extensão universitária pode contribuir para uma formação profissional mais adequada, ao promover a produção do conhecimento e o seu compartilhar com a sociedade com o intuito de responder às demandas que dela emergem, consequentemente, a formação do estudante é acadêmica e, concomitantemente, cidadã ao promover esse comprometimento com a sociedade em que estão inseridos (CAMPO, 2019, p.35).

Diante das falas dos autores citados pode-se compreender que a extensão universitária auxilia a formação dos/as discentes, pois reforça os conhecimentos aprendidos em sala de aula, e os/as incentivam a buscar novos saberes que possam contribuir nas suas formações profissionais.

2. 3 Educação do Campo

Para discutir sobre o processo formativo extensionista de um projeto que pauta mulheres quilombolas e que as integrantes fazem parte de uma licenciatura voltada para os povos do campo, se faz necessário falar sobre as concepções de educação do campo. “A educação do campo tem-se constituído como uma política educacional de grande relevância para garantir aos sujeitos camponeses o direito de acessar os conhecimentos historicamente produzidos e trabalhados pelas instituições escolares” (AMARAL e MATEUS, 2022, p.4). E

para se falar sobre as concepções de educação do campo é preciso conhecer as lutas dos movimentos sociais em especial Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra⁴ (MST) que resultaram em políticas e diretrizes que pautam as demandas educacionais das populações rurais do Brasil, considerando as especificidades dos sujeitos do campo. “A concepção educação do campo surge com uma nova práxis, na qual os sujeitos do campo não são apenas receptores de uma educação urbana, mas sujeitos que se constituem a partir do seu contexto rural/local ao global (ZIECH, 2017, p.3).

Para Caldart (2009, p. 5), “a educação do campo nasceu como crítica à realidade da educação brasileira, particularmente à situação educacional do povo brasileiro que trabalha e vive no/do campo”. A crítica que a autora menciona não estava voltada inicialmente para a educação, mas para o trabalho, e a luta por igualdade, mas que consequentemente influencia na realidade educacional.

Tratou-se primeiro de uma crítica prática: lutas sociais pelo direito à educação, configuradas desde a realidade da luta pela terra, pelo trabalho, pela igualdade social, por condições de uma vida digna de seres humanos no lugar em que ela aconteça. É fundamental considerar para compreensão da constituição histórica da Educação do campo o seu vínculo de origem com as lutas por educação nas áreas de reforma agrária⁶ e como, especialmente neste vínculo, a Educação do campo não nasceu como uma crítica apenas de denúncia: já surgiu como contraponto de práticas, construção de alternativas, de políticas, ou seja, como crítica projetiva de transformações (CALDART, 2009, p.5).

A educação do campo ainda é confundida por muitos com educação rural. Mas, existem diferenças entre elas. A educação do campo reconhece o povo camponês como sujeitos sociais de direito e produtores de conhecimento, sendo assim, a educação do campo tem um comprometimento maior com os sujeitos e as ações educativas, representando um avanço das ideias da educação rural, Amaral e Mateus (2022).

A Educação Rural se caracteriza pela sua desvinculação dos sujeitos a que ela se destina e das comunidades em que está inserida. Assim também, as práticas pedagógicas desenvolvidas nas escolas rurais eram de qualidade questionável e serviam para submissão, a obediência e a interesses contrários aos povos do campo (AMARAL e MATEUS, 2022, p. 4).

⁴ MST foi fundado em 1982, baseado em três objetivos: lutar pela terra, lutar pela reforma agrária e lutar por mudanças sociais no país. Esse grupo é formado por pequenos agricultores, arrendatários, posseiros, meeiros, migrantes, atingidos de barragens, entre outros trabalhadores rurais que perderam seus postos de trabalho no campo para a mecanização do trabalho rural e pela intensificação dos latifúndios de monocultura que se ampliaram na segunda metade do século XX, esses alguns dos causadores do êxodo rural brasileiro.

A educação do campo representa um avanço, pois traz como foco o sujeito do campo, as práticas trabalhadas são pensadas a partir da realidade desses sujeitos, a didática e metodologia trabalhadas em salas de aulas devem ser planejadas de modo que valorize o conhecimento/saberes inerente do povo campesino. Enquanto na educação rural não existe essa preocupação da valorização do povo do campo, os conteúdos não são voltados para a realidade do campo. “Compreende-se aqui, como povo do campo, todos aqueles que possuem relação direta com a vida no campo: agricultores familiares, pequenos agricultores, camponeses, trabalhadores rurais, sem-terra, enfim, todos que vivem ou sobrevivem do trabalho no campo” Ziech (2017, p.5).

A próxima seção traz informações sobre a pandemia da covid-19 e os impactos causados nas áreas educacionais do Brasil.

2. 4 Pandemia da Covid-19

Segundo a OMS, uma pandemia é a disseminação mundial de uma nova doença. Significa que a enfermidade se espalhou por diferentes países com transmissão sustentada de pessoa para pessoa. Existem algumas diferenças entre surto, epidemia, endemia e pandemia. Surto é quando ocorre um aumento rápido do número de casos de uma doença em uma determinada região, epidemia é quando acontece um aumento considerável do número de casos de determinada doença em várias regiões, endemia o que é levado em consideração não é a quantidade de casos, mas a frequência que determinada doença aparece e um local específico, e que não se espalha para as comunidades vizinhas, já a pandemia é quando a doença se espalha por diversas regiões do planeta.

2.4.1 Historicidade das Pandemias

Não é a primeira vez que a humanidade passa por uma pandemia, “a história das pandemias está profundamente interligada com a história da humanidade. Ao longo do tempo, ocorreram sucessivos acontecimentos de natureza pandêmica, que condicionaram, em grande medida, o desenvolvimento dos povos” (FERNANDES, 2021, p. 2). O autor relata que um fator determinante para esses acontecimentos está relacionado com a constante evolução da economia, ou seja, com o crescimento dos comércios há um aumento da mobilidade e interação das pessoas.

A maior pandemia existente que os relatos históricos apontam ocorreu na Antiguidade a praga de Atenas, também conhecida como a praga do Egito, entre os anos de 430 a.C. e 427 a.C., durante a Guerra do Peloponeso, sendo responsável por um grande número de vítimas mortais, cuja quantidade de óbitos terá ultrapassado, apenas na cidade de Atenas, dois terços da população. “Apesar das diferentes teorias sobre a origem da doença, que consideravam como hipóteses prováveis a varíola, o sarampo e a peste bubônica, estudos recentes sugerem que a praga de Atenas tenha tido a febre tifóide como causa mais provável” (FERNANDES, 2021, p.4).

No século XIV a peste bubônica assombrou e devastou a Europa, matando entre 75 milhões e 200 milhões de pessoas na antiga Eurásia. No geral, estima-se que a praga poderia ter reduzido a população mundial (na época) de 450 milhões para 350 milhões. Causada pela *Yersinia pestis*, pode ser transmitida pelo contato com pulgas e roedores infectados. Seus principais sintomas incluem inchaço dos gânglios linfáticos na virilha, axila ou pescoço, febre, calafrios, dor de cabeça, fadiga e dores musculares. Segundo Ribeiro (2021), a doença também é conhecida como a causa da Peste Negra.

A varíola tem atormentado os seres humanos há mais de 3.000 anos devido à sua disseminação através do *ortopoxvírus*, o vírus da varíola, que se espalha de uma pessoa para outra através do trato respiratório. O principal sintoma é a febre, seguida de erupção cutânea na garganta, boca e rosto. Mas em 1908, graças a uma campanha massiva de vacinação, a doença foi erradicada (RIBEIRO, 2021).

Em 1817, ocorreu a primeira epidemia global de cólera, e o *Vibrio cholerae* experimentou muitas mutações, causando novos ciclos epidêmicos de tempos em tempos. Disseminação por ingestão de água ou alimentos contaminados, sendo os casos mais comuns relatados em países subdesenvolvidos. No Brasil, houve vários surtos de cólera, principalmente nas áreas menos abastadas do Nordeste. No Iêmen, a doença matou mais de 40.000 pessoas em 2019. Seus principais sintomas incluem diarreia severa, cólicas e náuseas. Atualmente, existe uma vacina contra a doença, mas ela não é 100% eficaz. O tratamento é realizado por meio de antibióticos (RIBEIRO, 2021).

Segundo Rodrigues (2020), a Gripe Espanhola de 1918 pode ter matado entre 40 milhões e 50 milhões de pessoas, causada por um subtipo de vírus influenza. Mais de um quarto da população mundial na época foi infectada. O vírus veio da Europa e, no Demerara, o transatlântico desembarcou passageiros infectados em Recife, El Salvador e Rio de Janeiro. Os sintomas da doença são muito semelhantes ao atual coronavírus e não existia cura.

O vírus H1N1, responsável por causar a popularmente conhecida gripe suína, foi o primeiro patógeno a causar uma pandemia no século XXI. Após seu surgimento em porcos, em 2009, ele se disseminou em ritmo acelerado por outros países, matando cerca de 16 mil pessoas. Em território nacional, o primeiro caso da doença foi confirmado em maio do mesmo ano, sendo que pouco mais de um mês após a notificação, 627 pessoas estavam infectadas no Brasil, segundo dados do Ministério da Saúde (MS). Com contágio semelhante à Covid-19, a transmissão acontece a partir de gotículas respiratórias no ar ou em superfícies contaminadas. Já seus sintomas são semelhantes à gripe comum: febre, tosse, dor de garganta, calafrio e dores por todo o corpo (RODRIGUES, 2020).

As pandemias mais conhecidas atualmente são a Peste Bubônica, Varíola, Cólera, Gripe Espanhola, Gripe Suína e a mais atual Covid-19. Esta última se trata da pandemia mais recente causada pelo novo coronavírus - uma doença infecciosa causada pelo vírus SARS-CoV-2. A maioria das pessoas que adoecem em decorrência da COVID-19 apresentam sintomas leves a moderados e se recuperam sem tratamento especial. No entanto, algumas desenvolvem um quadro grave e precisam de atendimento médico. O vírus pode se espalhar pela boca ou pelo nariz de uma pessoa infectada, em pequenas partículas líquidas expelidas quando elas tosem, espirram, falam, cantam ou respiram. A infecção pode ocorrer através do contato com uma pessoa infectada pelo vírus, ou ao tocar em superfícies contaminadas e, em seguida, passar as mãos nos olhos, no nariz ou na boca. O vírus se espalha com mais facilidade em locais fechados e em multidões. Os sintomas mais comuns são febre, tosse, cansaço, perda de paladar ou olfato, mas em alguns casos o infectado pode sentir dores de garganta, dor de cabeça, dores e desconfortos, diarreia, irritação na pele ou descoloração dos dedos dos pés ou das mãos, e olhos vermelhos ou irritados.

O número de casos de pessoas infectadas pela enfermidade desde o momento que foi decretada como pandemia já ultrapassa a casa dos 645 milhões a nível mundial, apenas no Brasil já foram mais de 35,3 milhões de casos, o número de óbitos causados pelo vírus chegou 6,64 milhões globalmente e no Brasil foram 690 mil pessoas que perderam suas vidas. Essas informações foram retiradas do Repositório de dados COVID-19 do Centro de Ciência e Engenharia de Sistemas (CSSE) da Universidade Johns Hopkins, as informações contidas neste documento podem estar desatualizadas, levando em consideração que novos casos de infecção pelo novo coronavírus ainda acontecem constantemente.

Gráfico 1- Casos da COVID-19 no Brasil



Fonte: JHU CSSE COVID-19

Gráfico 2 - Mortes da COVID-19 no Brasil



Fonte: JHU CSSE COVID-19

Diante dessas informações nota-se que houve um despreparo da rede pública de saúde para atuar diante de um surto pandêmico, que sucedeu a desinformação da população brasileira em relação aos cuidados preventivos⁵ da doença, e um agravante maior, o descaso de um governo negacionista, que se omitiu na liderança ao combate ao COVID-19 através de

⁵ Uso de máscaras, evitar agrupamentos, lavar as mãos e/ou usar álcool gel, para evitar a infecção.

ações propositivas e de medidas necessárias para minimizar ou, até mesmo, erradicar a pandemia, com a compra ou apoio da fabricação da vacina. Na fala de Oliveira, Lisbôa e Santiago (2020, p.4) alegaram que o “presidente do país ironiza, inclusive, não vem respeitando, a obrigatoriedade do uso de máscaras e de se evitar aglomerações, posições essas também assumidas pelos seus seguidores”.

2.4.2 Pandemia do coronavírus e os impactos na área educacional do Brasil

Nota-se que as pandemias, historicamente, ocorreram diversas vezes, mas as instituições educacionais também não estavam preparadas para o isolamento social por um período tão extenso, tendo que criar novos meios de ensino, e se adaptarem à nova realidade.

A Fundação Abrinq mostra que o Brasil suspendeu as atividades presenciais por uma média de 287 dias no ano letivo de 2020, levando em conta tanto as escolas públicas quanto as privadas. A pesquisa, “Resposta Educacional do Brasil à Pandemia de Covid-19”, apontou que mais de 53% das escolas públicas conseguiram manter seus calendários acadêmicos originais em 2020. No ensino privado, cerca de 70% das escolas conseguiram manter a previsão inalterada.

A pesquisa, realizada de fevereiro de 2021 a maio de 2021, é a segunda fase do Censo Escolar 2020. Segundo o Inep, os dados de medição são fundamentais para entender o impacto da pandemia no sistema educacional brasileiro.

Para isso, o Inep desenvolveu um formulário específico para coletar informações sobre a situação e as estratégias adotadas pelas escolas durante o ano letivo. Ao todo, 94% das escolas responderam ao questionário aplicado pelo Inep como complementação do Censo Escolar. O percentual corresponde a 97,2% e 83,2% das redes pública e privada, respectivamente (FUNDAÇÃO ABRINQ, 2021).

A pesquisa mostra que 99,3% das escolas brasileiras suspenderam as atividades presenciais. Como resultado, algumas escolas também ajustaram a data final do ano letivo de 2020 em resposta às consequências de ensino e aprendizagem da suspensão. As escolas públicas sentem a necessidade de fazer ainda mais esse ajuste. Observações de ajustes do calendário escolar em grande parte do país, mesmo considerando apenas as escolas públicas, refletem condições desiguais de planejamento, execução e infraestrutura nessas instituições de ensino.

No Norte e Nordeste, a maioria das escolas públicas tem utilizado ajustes, principalmente na última parte dessas regiões, onde mais de 61,6% das instituições utilizaram essa estratégia. Por outro lado, no Sudeste, menos de uma em cada cinco (37,2%) instituições relataram um ajuste na data de término do ano letivo de 2020. Nas regiões Sul (29,1%) e Centro-Oeste (21,1%), em média, um quarto das escolas da educação básica pública informou estes ajustes no calendário escolar (FUNDAÇÃO ABRINQ, 2021).

A verdade é que, para dizer o mínimo, poucos poderiam imaginar que o COVID-19 atingiria tal magnitude. Como resultado, poucas organizações estavam preparadas para lidar com as consequências naturais do distanciamento e isolamento social. Muitos setores lutaram para se adaptar e encontrar maneiras de superar esse dilema. O campo da educação não estava imune a esses enormes desafios, e mostra que nem toda a comunidade escolar estava preparada para uma situação em que a tecnologia pode ser uma ferramenta para facilitar o processo de aprendizagem.

A maioria das escolas não oferecia o suporte necessário para o Ensino Remoto Emergencial (ERE) ou a distância. Embora mais presente nas instituições de ensino superior, uma minoria de alunos do ensino fundamental utiliza plataformas digitais. E, abruptamente, as escolas precisaram encontrar maneiras de se adaptar a essas “novas tecnologias” – que não são tão novas assim. Além disso, muito poucos professores receberam inicialmente formação adequada para o ensino a distância. A preparação para uma sala de aula remota é muito diferente da prática em sala de aula presencial, a dinâmica de interação com os alunos é diferente, a forma como você se comunica com sua família muda e o conhecimento da tecnologia educacional é fundamental.

Outro problema conhecido, mas devido à ampla abertura na educação devido à pandemia de coronavírus, é a desigualdade social e o acesso à tecnologia, o que na área da Educação causa um abismo entre aqueles que podem dar continuidade ao seu processo de aprendizagem e outros que sequer possuem um dispositivo eletrônico com conexão à internet dentro de casa. As tecnologias educacionais foram a principal solução para a situação que se viveu e de maior potencial de inovação na maneira como ensinar. Infelizmente, porém, a realidade do Brasil está longe de ser igualitária.

Segundo pesquisa do IBGE, apenas 57% da população do país possui um computador em condições de executar softwares mais recentes. Outro estudo realizado em 2018, a Pesquisa TIC Domicílio, aponta que mais de 30% dos lares no Brasil não possuem acesso à internet, que é praticamente indispensável para o serviço de ensino remoto (SAE DIGITAL, 2020).

O resultado é uma inevitável exacerbação das desigualdades no acesso não só à educação de qualidade, mas também à educação básica, levando a déficits de aprendizagem maiores do que os já existentes entre alunos de escolas públicas e privadas. O fechamento de escolas está forçando instituições e grupos educacionais em todo o mundo a buscar experiências inovadoras de ensino a distância que sejam mais dinâmicas, eficazes e consistentes com o ensino a distância. Ao mesmo tempo, os educadores tiveram que testar novas formas de ensinar, e a combinação dessas iniciativas representa uma enorme evolução na educação.

Nas Instituições de Ensino Superior (IES) não foi diferente, como forma de auxiliar o processo de aprendizagem dos/as discentes, as universidades adotaram diferentes recursos digitais como: aulas online, vídeo aulas, testes, fóruns de discussão, apresentações, objetos de aprendizagem, material didático digital, aplicativos diversos, entre outros.

Como foi citado anteriormente que cerca de 50% da população não possui computadores que suportam os softwares atuais, entre essas pessoas estão inclusas os/as estudantes das IES, então se pode entender que as dificuldades de acesso ao ensino atingiu todos os níveis educacionais. No entanto, algumas universidades ofereceram um auxílio às/aos estudantes para custear aparelhos eletrônicos e um chip para acesso à internet, especificamente a UFPB ofereceu o Auxílio Instrumental para cerca de 5.400 discentes onde foi ofertado a quantia de 1.200,00 reais as/os estudantes como ajuda para comprar notebook/tablet/celular, a universidade também ofereceu o Auxílio Inclusão Digital que de início enquanto não chegava os chips era ofertado 50,00 reais mensais para pagar internet ou colocar crédito no celular mas depois distribuíram cerca de 7.000 chips, os critérios para ter acesso aos auxílios era estar em situação de vulnerabilidade socioeconômica, matriculados no período letivo suplementar remoto 2020.1, a fim de que acompanhar as aulas on-line. Os estudantes foram selecionados conforme as bases legais do Decreto nº 7.234 de 19/07/2010, que objetivou “ampliar as condições de permanência dos jovens na educação superior pública federal”, que dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) do Ministério da Educação (MEC) e as normas contidas nos editais.

O ensino universitário no Brasil tem como tripé acadêmico ensino-pesquisa-extensão, se o ensino, principal elemento dessa base, foi extremamente afetado, projeta-se que o mesmo aconteceria com a pesquisa e extensão. “No que tange a extensão, tem-se um elemento a mais como fundamental nesse processo, que é o atendimento de cunho social, e, devido ao critério de distanciamento social, muitas das atividades extensionistas se tornaram inviáveis nesse período” (QUEIROZ ET AL., 2021, p.7).

Segundo a pesquisa de Queiroz (2021) apenas 14% dos/as docentes de IES públicas realizam atividades de pesquisa, mesmo assim, o autor aponta que durante a pandemia houve continuidade de parte das atividades de pesquisa, e, mesmo com o distanciamento social, as atividades de pesquisa aumentaram em 12% para esses/as docentes. Já as atividades de extensão, 14% dos/as docentes das IES públicas afirmaram não realizar atividades desta natureza, dando a entender que a maior parte está envolvido/a em atividades extensionistas. Assim, dos/as docentes envolvidos, 20% tiveram que interromper todas as atividades de extensão e 35% interromperam parte dessas atividades.

Tabela 1 – Interrupção e continuidade das atividades de pesquisa e extensão

Atividades de pesquisa e extensão	Atividade de pesquisa por IES públicas	Atividades de extensão por IES públicas
Não realizo atividades deste tipo	14%	14%
Houve interrupção de todas as atividades deste tipo	11%	20%
Houve continuidade de parte das atividades deste tipo	35%	35%
As atividades deste tipo que realizo não foram afetadas pela COVID-19.	28%	14%
Houve aumento das atividades deste tipo que realizo	12%	17%
Total	100%	100%

Fonte: Queiroz et al. (2021, p.15).

Diante disso, pode-se analisar que os programas de extensão deram continuidade aos projetos extensionistas durante a pandemia da covid-19, mas em sua grande maioria no formato remoto, para evitar expor os/as participantes e as comunidades ao contágio da doença. Consequentemente a extensão universitária sofreu algumas alterações durante esse período pandêmico.

A ininterrupção das atividades de extensão foi possível através do planejamento de ações adaptadas, as quais passaram a ser realizadas de

forma virtual/remota ou adotando protocolos rígidos de biossegurança. Além disso, a adoção de normas mais flexíveis, como permitir mudanças no plano de trabalho ou adiar o cronograma, facilitou a continuidade das ações. Das extensões que não suspenderam suas ações, 87,9% foram adaptadas e 71,8% tiveram as normas flexibilizadas (MÉLO et al., 2021, p.5).

Os programas de extensão tiveram que se adaptar ao *on-line* para a realização das suas atividades “as ações de extensão podem ser praticadas através de projetos, programas, cursos, eventos e prestação de serviços, as quais, em decorrência da pandemia da COVID-19, passaram a encontrar desafios para se adaptar” (MÉLO et al. 2021, p.8). Algumas modalidades da extensão não tiveram tanta dificuldade para se adequar ao formato remoto.

Uma modalidade que encontrou vantagens no quesito remoto foram os eventos, realizados em grande parte das IES, tendo em vista a maior facilidade de contato com o público quando realizado de maneira on-line, além de uma maior abrangência dos participantes, algo que encontra limitações no formato presencial. Tais eventos puderam ser realizados na forma de lives, webnários, encontros e simpósios (MÉLO et al. 2021, p.9).

Durante o período pandêmico alguns projetos mantiveram o mesmo enfoque temático, apenas se adaptando aos usos das redes sociais, mas alguns projetos já foram criados tendo como foco a pandêmica da covid-19 que foi o caso do projeto da Universidade Federal da Paraíba, UFPB no combate à covid-19: O protagonismo das mulheres do campo quilombolas na economia popular solidária e o seus fazeres educativos, do qual atuou com mulheres dos Quilombos da região do Conde-PB, investigando os impactos da pandemia na vida dessas mulheres, as medidas tomadas por elas para a sobrevivência dos seus empreendimentos, analisando quais medidas poderiam ser tomadas para auxiliá-las durante a execução do projeto.

3 DESENHO METODOLÓGICO DA PESQUISA

3.1 Classificação e contextualização da pesquisa

A pesquisa em pauta se fundamenta na abordagem qualitativa, por compreender que “a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.” (GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p.31). Desse modo, o estudo constitui-se em uma pesquisa exploratória, pois “estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses”, conforme explicita Gil (2002, p.41). A pesquisa, também será descritiva, pois “têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis” (GIL, 2002, p.42).

Diante disso, ela será bibliográfica, levando em consideração que todo trabalho científico parte de uma pesquisa bibliográfica, que permite que os pesquisadores tenham uma base sobre o assunto que pretendem pesquisar, Gerhardt e Silveira (2009).

A pesquisa também se caracteriza como pesquisa de campo, levando em consideração que tem como foco um grupo específico de ex-bolsistas do projeto analisado. Esse tipo de pesquisa

[...] é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo. Esses procedimentos são geralmente conjugados com muitos outros, tais como a análise de documentos, filmagem e fotografias (GIL, 2002, p. 53).

O trabalho tem como sujeitos da pesquisa a coordenadora adjunta da Assessoria de Extensão do Centro de Educação da qual realizou-se uma entrevista semiestruturada, e quatro ex-participantes (duas bolsista e duas voluntárias) do projeto de extensão UFPB no combate à covid-19: O protagonismo das mulheres do campo quilombolas na economia popular solidária e o seus fazeres educativos, cuja ações foram desenvolvidas em dois polos, agregados por atividades produtivas, quais foram: polo 1 - Quilombo Gurugi I (Grupo de Mulheres Negras do Campo – grupo produtivo composto por nove mulheres, que trabalham com produtos derivados da mandioca) e polo 2 - Quilombo Ipiranga (Grupo de Mulheres Biojoias Duá – grupo produtivo composto por cinco mulheres, que trabalham com biojóias), ambos localizados na cidade do Conde-PB. Esse projeto era composto por uma coordenadora, duas bolsistas e três voluntárias, e quatorze colaboradores. Todas as extensionistas (bolsistas e

voluntárias) são graduandas do Curso de Pedagogia (com aprofundamento em Educação do Campo), do Centro de Educação na Universidade Federal da Paraíba.

Houve uma aplicação de questionário do *Google Forms*⁶ direcionado as ex-participantes do projeto, enviou-se o link para acesso o questionário via *Whatsapp*⁷ junto com um termo de consentimento de uso das informações para duas bolsistas e duas voluntárias do projeto. A autora deste trabalho participou desse projeto como voluntária, mas abdicou-se a responder ao questionário misto. A princípio aplicou-se um questionário piloto com doze perguntas abertas, do qual apenas as duas voluntárias responderam, que observou-se que as perguntas não alcançaram as respostas esperadas pela autora deste trabalho, não ficando claro que o foco do questionário se tratava da formação extensionista das antigas participantes do projeto. Sendo assim a autora reelaborou as perguntas diminuindo-as para dez, contendo agora perguntas abertas e fechadas, abordando questões mais específicas sobre a aprendizagem adquirida durante o programa de extensão.

3.2 Instrumentos de coleta de dados

Os instrumentos para a realização da coleta de dados constituirão nos seguintes documentos: questionários no *Google Forms*, e entrevista semiestruturada. Para Gil (2002, p.114-155) “por questionário entende-se um conjunto de questões que são respondidas por escrito pelo pesquisado. [...] o questionário constitui o meio mais rápido de obtenção de informações, além de não exigir treinamento de pessoal e garantir o anonimato”. Segundo Triviños (1987, p. 146) “a entrevista semi-estruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa”.

Escolheu-se aplicar os questionários em uma plataforma remota devido à falta de disponibilidade das ex-participantes para encontros presenciais, desse modo todas/os poderiam responder sem interferir nas suas atividades cotidianas (trabalho, família e aula). O questionário era composto por 10 questões mistas:

Tabela 2 – Questões do formulário

⁶ Google Forms é um aplicativo de gerenciamento de pesquisas lançado pelo Google. Os usuários podem usar o Google Forms para pesquisar e coletar informações sobre outras pessoas e também podem ser usados para questionários e formulários de registro.

⁷ WhatsApp é um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones. Além de mensagens de texto, os usuários podem enviar imagens, vídeos e documentos em PDF, além de fazer ligações grátis por meio de uma conexão com a internet.

QUESTÕES DO FORMULÁRIO

1. Você considera que as experiências obtidas com a participação na extensão poderão auxiliá-lo/a em sua prática didático-pedagógica (aspectos técnicos, científicos, práticos, didáticos, individuais, coletivos, tecnológicos...) em seu atual ou futuro ambiente de trabalho? Comente.

2. Quais aprendizagens você obteve através da participação no projeto de extensão?

3. Participar do projeto UFPB no combate à covid-19: O protagonismo das mulheres do campo quilombolas na economia popular solidária e o seus fazeres educativos, contribuiu para a sua formação acadêmica e/ou profissional? Comente sua resposta.

4. De quais atividades você mais participou durante a extensão? Marque no mínimo três opções e justifique sua resposta.

- ☐ Leituras, fichamentos e discussão de textos;
- ☐ Reuniões semanais com a orientadora, bolsista e voluntárias;
- ☐ Rodas de diálogo;
- ☐ Inserção no campo;
- ☐ Elaboração de relatos de experiência e/ou de artigo;
- ☐ Participação no Enex ou outro tipo de evento acadêmico;
- ☐ Canais de comunicação, a exemplo de Instagram (Ecosol Mulheres do Campo PB), grupo no Whatsapp e links para reuniões de formação.

Comente sobre sua resposta anterior:

5. Durante o projeto como foi seu envolvimento com os encontros formativos presenciais/remotos:

- ☐ Participei praticamente de todos os encontros;
- ☐ Participei de alguns encontros, mas quando não participava, procurava informações;
- ☐ Tive dificuldades de participar dos encontros porque assumi outros compromissos;
- ☐ Faltei a muitos encontros, mas sempre procurei justificar;
- ☐ Tive dificuldades de participar por motivos diversos: problemas de saúde, doença na família, atividades acadêmicas relacionadas às disciplinas, atuação em outros projetos na Universidade.

6. Quais as principais dificuldades que impactaram a sua participação no projeto de extensão durante a pandemia?

- ☐ Conciliar trabalho, atividades acadêmicas com as ações do projeto;
- ☐ Pouco ou nenhum interesse pelo tema abordado;
- ☐ Atuação em diversos projetos na Universidade;
- ☐ Doença na família em tempo de pandemia;
- ☐ Angústia, depressão, ansiedade causadas pela pandemia.

Outro motivo:

7. Considerando a questão anterior, a pandemia influenciou de alguma forma a sua formação extensionista?

8. Você já havia participado de outros projetos ou programas? Qual o tipo de projeto?

- () Ensino;
 () Extensão;
 () Pesquisa;
 () Essa é a primeira vez que participo.

9. Você considera importante o aluno do ensino superior participar de algum programa ou projeto de extensão ou de ensino que tenha como foco o trabalho de campo? Justifique sua resposta.

10. Você indica algum colega a participar do programa de extensão? Por quê?

Fonte: Elaboração própria.

A entrevista foi realizada com a coordenadora adjunta da Assessoria de Extensão do Centro de Educação, da qual foram feitas 8 perguntas relacionadas a extensão universitária da UFPB como também perguntas sobre as dificuldades que a pandemia da covid-19 trouxe para as realizações das atividades extensionistas.

Tabela 3 – Perguntas da entrevista

ROTEIRO DE ENTREVISTA		
Dados do/a Professor/a:		
Nome:		
Idade:	Sexo:	Estado civil:
Graduação:		
Instituição de formação (graduação):		
Pós-graduação: Sim () Não () Qual?		
Tempo de atuação na docência:		
Tempo que atua nessa instituição:		
Cargo:		
Tempo que atua nesse cargo:		
Entrevista:		
1. Qual a concepção de extensão adota pelo Centro de Educação da UFPB?		

2. Que relação existe entre a academia e a comunidade por meio da extensão?
3. O que representa a extensão universitária para você como coordenadora de extensão?
4. Em quais sentidos a extensão pode impactar a formação universitária
5. Quais os desafios que a Pandemia de Covid-19 trouxe para os projetos de extensão do CE?
6. Como foi encarar uma realidade do *online* na extensão?
7. A pandemia impactou os projetos de extensão? De que forma?
8. Você poderia descrever brevemente o que era a extensão universitária antes, durante e pós- pandemia?

Fonte: Elaboração própria.

3.3 Análise de dados e princípios éticos da pesquisa

Cabe à pesquisadora fazer o estudo, a análise, o registro e a interpretação dos fatos do mundo físico, sem a manipulação ou interferência do mesmo. Os dados serão analisados à luz da Análise do Conteúdo.

Uma técnica que se preocupa em interpretar imagens ou textos com o intuito de entender o seu sentido, decifrar a mensagem tanto implícita como explícita do objeto estudado. São iniciativas que a partir de um conjunto de técnicas, apesar de parciais são complementares tentam explicitar e sistematizar os conteúdos das mensagens e o que expressa esse conteúdo a partir de deduções lógicas a respeito da origem das mensagens (PAIVA, OLIVEIRA e HILLESHEIM, 2021, p. 9).

Encostamo-nos em autores/as que trazem a extensão universitárias como objeto de discussão, a exemplo de Paulo Freire (1983), que discute os conceitos de extensão e comunicação, apresentando este último como o mais apropriado para uma abordagem de extensão popular e suas práticas; Edineide Jezine (2004), que aborda as práticas curriculares extensionistas, apresentando algumas concepções teóricas acerca da extensão universitária; Roseli Salete Caldart (2009), que apresenta as concepções de educação do campo.

Foram entregues termos de consentimento para as ex-extensionistas e a coordenadora da assessoria de extensão, para uso das informações fornecidas por elas. Deste modo essa pesquisa está assegurada de que os dados expostos no corpo trabalho foram autorizados por todas/os envolvidas/os.

3.4 Estado da Arte

Para a execução do levantamento de dados foi realizado o estado da arte, utilizou-se da plataforma acadêmica *Google Acadêmico*⁸, na qual se usou de três entradas de pesquisa (formação extensionista na pandemia; extensão na pedagogia; formação extensionista na pedagogia educação do campo.), ao pesquisar por “formação extensionista na pandemia” entre os anos de 2020 e 2022 foram encontrados 3.810 resultados, sendo maioria na área da saúde com 46 (quarenta e seis) trabalhos publicados entre esses eram 39 (trinta e nove) na categoria de relato de experiência e 7 (sete) sendo artigos. Na área das tecnologias foram encontrados 8 (oito) trabalhos, sendo 4 (quatro) relatos de experiências e 4 (quatro) artigos, nas áreas de exatas e humanas foram encontrados 17 (dezessete) trabalhos, dentre eles 11 (onze) sendo relatos de experiências e 6 artigos. No campo da educação foram encontrados 14 (quatorze) trabalhos, dos quais 9 (nove) eram relatos de experiência e 5 (cinco) artigos, dentre esses foram selecionados 5 (cinco) para serem analisados pela autora deste trabalho.

Tabela 4 – Estado da arte

Quantidade de Trabalhos Encontrados do Tema: Formação Extensionista na Pandemia						
Áreas de Conhecimentos	Tipos de Pesquisas					
	Relatores de Experiência			Artigos		
	2020	2021	2022	2020	2021	2022
Saúde	2	11	26	0	4	3
Tecnologias	2	2	0	1	1	2
Humanas	0	4	6	0	0	4
Exatas	0	0	1	0	0	2
Educação	3	1	5	1	2	2

Fonte: Elaboração própria

Ao pesquisar por “extensão na pedagogia” nos anos de 2017 à 2022, foram encontrados 15.800 resultados, dos quais a autora selecionou 8 (oito) para análise, entre esses categorizados como relatos de experiências, artigos e dissertações, os números de páginas visualizadas variaram em cada ano, sendo visualizadas 6 páginas do ano de 2022, 5 páginas do ano de 2021, 6 páginas do ano de 2020, 7 páginas do ano de 2019, 5 páginas do ano de 2018, e 6 páginas do ano de 2017. E quando pesquisado por “formação extensionista na pedagogia educação do campo” nos anos de 2017 a 2022, encontrou-se 8.730 resultados dos quais selecionou-se 5 (cinco), também categorizados como artigos e dissertações, sendo visualizadas 5 páginas do ano de 2017, 6 páginas do ano de 2018, 5 páginas do ano de 2019,

⁸ Google Acadêmico é um mecanismo virtual de pesquisa livremente acessível que organiza e lista textos completos ou metadados da literatura acadêmica em uma extensa variedade de formatos de publicação.

4 paginas do ano de 2020, 6 paginas do ano de 2021, e 5 paginas do ano de 2022. Os critérios para selecionar os trabalhos foram as maiores semelhanças com a entrada utilizada, muitos trabalhos apareceram, porém fugiam do tema proposto na pesquisa.

Desses 18 (dezoito) trabalhos selecionados analisou-se quais autores foram mais utilizados entre eles, o autor Paulo Freire foi referenciado em 10 (dez) trabalhos, os autores José Francisco Neto, Boaventura Santos e a autora Edineide Jezine foram referenciados/as em 4 (quatro) trabalhos, as autoras Roseli Salete Caldart e Monica Molina foram referenciadas em 3 (três) trabalhos.

Os trabalhos selecionados auxiliaram na escolha dos autores utilizados na escrita da fundamentação teórica da pesquisa, e também colaboraram para fomentar as ideias da autora desta pesquisa, contribuindo na aquisição de conhecimentos acerca da formação extensionista e das concepções de extensão universitária.

4. DIZERES EXTENSIONISTAS ACERCA DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA UFPB: FALAS DA COORDENAÇÃO DE EXTENSÃO E DE EX-BOLSISTAS DO PROJETO UFPB NO COMBATE À COVID-19: O PROTAGONISMO DAS MULHERES DO CAMPO QUILOMBOLAS NA ECONOMIA POPULAR SOLIDÁRIA E O SEUS FAZERES EDUCATIVOS

4.1 A extensão na perspectiva da Coordenação de Extensão do Centro de Educação (CE)

Para um melhor entendimento sobre como funciona a extensão universitária no Centro de Educação (CE) na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), realizou-se uma entrevista com oito perguntas abertas à coordenadora adjunta da Assessoria de Extensão do Centro de Educação⁹ (AEXTCE), a professora Dra. Maria da Conceição Gomes de Miranda, cuja formação é em pedagogia na UFPB, e doutorado em educação, tem 12 anos de experiência na docência, sendo seis anos na instituição, e três anos no cargo de coordenadora adjunta da assessoria de extensão. Logo abaixo se encontram alguns recortes da das falas da entrevistada.

A primeira pergunta questionou qual seria a concepção de extensão para o centro de educação da UFPB, a resposta foi a seguinte:

Bom, a gente teve várias discussões sobre essa questão da concepção de extensão, então não foi algo que a gente tinha estritamente fechado porque a gente observou a partir das discussões que foram necessárias para curricularização da extensão que a gente precisaria no âmbito do centro então pensar um conceito. Então esse conceito ele foi discutido das formas mais variadas no sentido que a gente teve rodas de diálogo, trazendo professores do próprio centro que já atuam há mais de vinte anos na área de extensão a exemplo do professor Timothy, da Edneide Jezine, Zé Neto, da Lúcia Guerra [...]. Então a gente não tem uma concepção fechada. Mas essa concepção ela é bem ampla que ela está num documento que a gente está formatando. Inclusive é um dos artigos da resolução [...]

Durante a entrevista, a professora Dra. Maria da Conceição relata que essa concepção de extensão ainda está sendo formulada pela assessoria de extensão do Centro de Educação, e que ainda vai ser apresentada ao Conselho de Centro em dezembro, mas durante a entrevista ela conta que essa elaboração da concepção foi bem estruturada, aplicaram um formulário para a comunidade do CE com essa temática, trouxeram os professores que pesquisam sobre

⁹ A Assessoria de Extensão do Centro de Educação (AEXT/CE) é uma unidade de assessoria vinculada à Direção do Centro que tem a função de mediar, apoiar e promover ações de extensão originadas do CE e suas parcerias, com o objetivo de contribuir com as políticas de extensão da Pró-reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários – PRAC, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, fortalecendo a referência na formação de educadores, bem como da comunidade em geral, e no desenvolvimento de um trabalho extensionista mais próximo à sociedade e à prática educativa.

extensão para participar da construção desse documento, realizaram rodas de diálogos sobre o tema, tudo isso como o intuito de construir essa concepção de que “[...] a extensão aqui ela não está no sentido da universidade ir e levar para a comunidade, mas ela trazer da comunidade esses saberes que vão se aliar a saberes acadêmicos e científicos [...]”.

A extensão é constituída, no âmbito do CE/UFPB, como um processo educativo, cultural, científico e tecnológico que articula o ensino e pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a Universidade e a sociedade, podendo ser exercida em caráter:

- I- Eventual, compreendendo atividades esporádicas visando o aperfeiçoamento e a atualização de conhecimentos, implantação ou implementação de práticas que objetivem a produção técnico- científica, cultural e artística através de serviços educativos, assistenciais e comunitários.
- II- Permanente, compreendendo atividades elencadas no inciso anterior efetivadas de forma sistemática e/ou contínua (CENTRO DE EDUCAÇÃO, 2021).

A segunda pergunta tratou da relação da universidade e comunidade por meio da extensão, tendo a seguinte resposta:

[...] extensão não é esse saber que vai para atender a comunidade, mas é um saber que se articula saberes da própria comunidade. Então, são necessidades da comunidade que vem pra se articular com essas com esses saberes que aqui tem, e saberes que lá também são construídos, então a universidade tem essa perspectiva técnica também, para o atendimento das demandas sociais que vão chegar [...] ela (a extensão) precisa construir junto com a comunidade esses conhecimentos, esses saberes para atendimento dessas demandas. Então é uma relação de saberes tanto acadêmicos quanto da comunidade que se dão numa via de mão dupla [...] a extensão ela nasce da comunidade, então a gente vai junto com essa comunidade tentar atender as demandas que lá se encontram como eles (povos das comunidades) vão trazer também pra gente esses conhecimentos.

A coordenadora de extensão comentou durante a entrevista que a academia também faz extensão dentro da própria universidade, mas que “o foco central é a comunidade externa”, que é necessária essa parceria entre comunidade e universidade para que exista essa troca de saberes, dizendo que é “uma via de mão dupla”. Diante desses relatos, pode-se notar então que a extensão do Centro de Educação possui características da concepção **Acadêmica** de extensão. Jezine (2004) comenta que existem três tipos de concepções: a **Assistencialista** da qual universidade provém de todo o conhecimento e “entrega-o” às comunidades, tem-se a concepção **Acadêmica** da qual existe uma relação entre a universidade e a sociedade, sendo assim, há uma via de mão dupla como a própria entrevistada comenta, e, ainda, a concepção **Mercantilista** da qual a universidade prioriza a divulgação da extensão, utilizando-a como

propaganda para conseguir mais recursos, criando muitos projetos com o intuito de “receber” patrocínios para realizá-los, sendo assim alguns projetos podem ser executados de “qualquer” forma apenas para dizer que foi feito (grifos nosso). Isso demonstra que o Centro de Educação, por meio de sua Coordenação de Extensão, busca qualificar mais a extensão universitária, fomentando debates e situando a comunidade acadêmica em suas propostas e práticas.

A terceira pergunta voltou-se para o que a extensão representa no ponto de vista pessoal da entrevistada, tendo como ênfase a formação discente, como demonstrado abaixo:

A extensão universitária pra mim é ela possibilitar, a gente falando agora do ponto de vista da formação do aluno que passa pela experiência de ser bolsista, de ser voluntário que representa o protagonismo. Então para gente pensar extensão no âmbito da universidade nos cursos de graduação, a gente pensa o protagonismo desse estudante que vai estar já construindo os saberes da profissão junto à comunidade. Então a experiência que ele vai ganhando para poder perceber, sentir a comunidade externa [...] A gente pensa a extensão no âmbito do centro a partir desse protagonismo de estudante, como a gente pensa também a própria ação do professor no sentido de uma ação extensionista [...].

Para a entrevistada, a extensão tem como um de seus objetivos oportunizar os/as discentes serem protagonistas das ações extensionistas, pois os projetos de extensão por mais que tenham os/as professores/as coordenadores/as a orientar o processo formativo na extensão, o trabalho é realizado em grande maioria pelos/as discentes, eles/as que são os/as responsáveis por fazer acontecer as ações extensionistas. Por isso, essas ações estão vinculadas a um projeto de extensão, que contém, em linhas gerais, a problemática, os fundamentos teóricos, os objetivos, a metodologia, os resultados pretendidos, o cronograma das ações e parcerias estabelecidas, assim como os planos de ação. Nesse contexto, a orientação de um/a profissional mais experiente é muito importante para o aprimoramento da formação discente. Sendo assim, a extensão universitária faz com que os/as discentes notem que conhecimentos/saberes acadêmicos não são os únicos válidos, que esse processo não é unilateral, que, ao participar de programas/projetos de extensão, os/as estudantes tornam-se mais atuantes em sua formação, trazendo conhecimentos adquiridos na extensão para a sua atuação profissional na condição de protagonistas de suas ações.

Quando questionada acerca dos impactos que a extensão causa na formação universitária, a respondente enfatizou o protagonismo discente, que aparece como um importante conceito a nortear as ações extensionistas:

[...] Então o que eu posso dizer para essa formação acadêmica a evidência está no protagonismo do aluno. Porque é como eu falei anteriormente. É esse protagonismo, essa ação dele fazer, dele atuar junto à comunidade, sobretudo nas comunidades ou

nos espaços que estão ligados à área de formação deles. Que aí se você for fazer todo o mapeamento em todos os tempos você vai observar que os projetos de extensão eles têm justamente a afinidade com a área de formação [...] Então ele (discente) já enxerga nesse momento da extensão as formas como ele poderá atuar, trabalhar ao se formar.

Essa fala da coordenadora refere-se ao fato de que, geralmente, os/as discentes se envolvem em projetos que tenham afinidade com o seu campo de formação, ou com temas que eles/as pretendem aprofundar-se durante a formação. Sendo assim, ela conclui que existe uma contribuição da extensão na formação acadêmica dos/as extensionistas. Realça-se aqui que a extensão, na UFPB, como um dos pilares do processo formativo multidimensional, teórico-prático, técnico, humano, político e social, tem contribuído não somente para aprimorar a formação discente e docente, mas, especialmente, para a transformação das comunidades e da sociedade.

Da quinta pergunta em diante focou-se em aspectos mais específicos da pandemia da covid-19, a quinta pergunta tratou de quais desafios que a pandemia trouxe para os projetos de extensão do Centro de Educação, a coordenadora respondeu:

Bom, os desafios foram muitos [...] Como fazer extensão universitária a distância? E aí foi um ponto importante. A gente não pode deixar de nos relacionar com as comunidades que a gente já tinha os projetos de extensão, então a gente teve que fazer readequações, essas readequações elas tocaram justamente no uso das redes das mídias sociais de uma forma geral para que a gente pudesse continuar nesse contato no corpo a corpo só que é à distância [...] Usando o *Google Meet* usando o *Zoom*, então você dispõe dessas ferramentas usando o *Instagram* [...] os projetos também criaram seus perfis, foram colocando suas ações desenvolvidas nesse período [...] Então se a gente no presencial tem um alcance específico, eu estou na escola, eu estou numa comunidade, com a pandemia a gente conseguiu ampliar é esse contato com as pessoas [...] tiveram vários cursos também e foram dados de maneira virtual [...] Então a qualidade de internet também impacta, a gente viu as dificuldades, né? Os desafios, mas a gente também conseguiu estar junto àqueles com quem a gente já trabalhava no presencial. Então, foi um ganho também, têm os dois lados da moeda, né? Ter ficado distante foi algo difícil, mas esse retorno agora gradual, ao presencial fez a diferença. A gente conseguiu conviver com as os dois cenários, claro que de início foi difícil até a gente conseguir montar essa estrutura [...].

Essa fala da professora Dra. Maria da Conceição mostra que a pandemia da covid-19 trouxe muitos desafios para a extensão, o distanciamento acarretou consequências para os projetos, como ela mesma comenta: “como fazer extensão universitária a distância?”. Fez-se necessário que os projetos se adaptassem a esse novo formato, buscando auxílio nas ferramentas digitais. No entanto, para ela também ocorreram ganhos, pois com essa informatização os projetos tiveram mais visibilidade: “Então para gente assim, aconteceu também que a gente teve um longo alcance, em termos de seguidores, em termos de

atendimento a outro [pessoas não assistidas pelos projetos], até outros estados. E de projetos que também chegaram a atender até outros países”, as redes sociais, em específico o *Instagram*, que influenciou muito para que isso acontecesse.

Perguntou-se à coordenadora de extensão como ocorreu esse processo de experiência de fazer extensão *on-line* (remotamente) devido à pandemia da covid-19, sabendo-se que ocorreram contribuições desse formato para os projetos como, por exemplo, a visibilidade alcançada através das mídias sociais.

Bom, a realidade do online foi bem difícil, porque como a universidade ela passou a funcionar dentro da casa da gente, então você tinha que observar que você tinha uma demanda grande de trabalho, e a qualidade de internet também. Encarar a realidade do online, então na extensão isso não foi diferente, a gente tem que estar o tempo inteiro dialogando com os projetos, saber o que é que tem pra gente enquanto assessoria e divulgando, repostando [...] a parte mais difícil, não era a parte de divulgação das ações de extensão, mas a gente tinha que estar também nos organizando junto aos coordenadores, então várias reuniões com coordenadores para gente deixar certo o plano de trabalho que tinha que ter, o cadastro das atividades [...] Então o online realmente foi difícil porque nossas reuniões de assessores de extensão também eram reuniões demoradas, a internet não ajudava, mas a gente conseguiu mesmo assim ter um debate legal dentro desses momentos. Agora que realmente eram muito cansativos porque como eu estou dizendo a gente tinha que dar aula, a gente tinha que assessorar a extensão do Centro, a gente tinha que organizar eventos [...] Então a internet ela foi fundamental mesmo com algumas dificuldades, sobretudo nos encontros virtuais porque eram encontros síncronos, então com mais de cinquenta pessoas às vezes numa sala de meet.

O formato remoto trouxe novos jeitos de ensinar e isso não foi diferente nos programas de extensão; a coordenadora comenta que todas as ações dos projetos de extensão tiveram que ser feitas virtualmente, exceto em períodos de flexibilização, e como a entrevistada relata a rede de conexão (*internet*¹⁰) foi a responsável por esse desenvolvimento de tarefas, as plataformas digitais também foram essenciais nesse período, dando suporte aos encontros síncronos entre coordenadores de assessoria de extensão com coordenadores de projetos, e de extensionistas com as comunidades envolvidas.

Sabe-se que a sociedade não estava preparada para passar pelo distanciamento social, e pelas dificuldades que veio junto com ele, trabalhar no formato remoto foi uma grande novidade para muitas pessoas, e consequentemente a universidade também teve que se adequar a essa realidade, a rede de *internet* foi à propulsora para que essa nova realidade fosse possível. Mas ficar na frente de uma tela de computador/celular/tablet por muitas horas é algo extremamente cansativo, além do mais as comunidades assistidas pelos projetos nem sempre

¹⁰ Internet é uma rede de conexões globais que permite o compartilhamento instantâneo de dados entre dispositivos.

possuíam acesso a uma boa rede de internet, causando dificuldades na comunicação entre ambas as partes (extensionistas e comunidade).

Uma das perguntas relacionadas à pandemia da covid-19 buscava saber se durante esse período de isolamento social, o formato remoto acarretou algum dano aos projetos de extensão, impactando as ações de extensão. A coordenadora da assessoria de extensão respondeu da seguinte maneira:

Ah teve, porque muita gente teve que se reorganizar, então a gente tinha professores que as ações eram todas presenciais então como é que eu vou fazer uma formação agora virtual? Sem contar que essas formações a gente tem que pensar, a plataforma que iria hospedar, teria que pensar agora a própria questão da certificação [...] Mas aí a gente tem que pensar agora como é que eu vou readaptar [...] Então essa adaptação de tudo isso pra o virtual não foi fácil [...] Como é que eu vou de repente conseguir proporcionar a todas as pessoas naquela comunidade com que a gente trabalhava possam acessar o celular, a internet para então participar desses momentos de ações [...] Então o impacto do ponto de vista foi da organização, como é que os sujeitos, os professores extensionistas junto com seus bolsistas iriam continuar dando esse suporte, dando esse apoio, buscando a comunidade para ver como é que a gente ia tentar mediar as situações, cada um com suas dificuldades, mas é como eu te falei anteriormente, esse primeiro ano ele foi um momento mais difícil então alguns projetos tiveram que mudar realmente um pouco a sua forma de trabalhar porque era, questão era como é que o professor ele vai conseguir fazer tudo isso utilizando as mídias, então a gente teve que aprender muita coisa para poder dar conta daquilo que a gente propunha a fazer na extensão, mas conseguimos [...] a própria universidade teve que oferecer cursos para os professores, para ver como é que eles iriam organizar agora sua nova forma de trabalho, as suas salas de aula virtual [...].

A extensão universitária teve que passar por readequações para conseguir continuar com as suas atividades, no entanto esse trabalho não foi fácil, como a coordenadora alega inserir as pessoas das comunidades nesse formato remoto foi desafiador, pois a conectividade não é algo tão simples, aprender a utilizar as novas plataformas de comunicação também pode ser um pouco complexo em algumas situações, a exemplo da extensão universitária que, anteriormente, era realizada presencialmente.

Exemplificando, tem-se o projeto UFPB no combate à covid-19: O protagonismo das mulheres do campo quilombolas na economia popular solidária e o seus fazeres educativos, que também passou por esse processo de adaptação para o formato remoto, realizando rodas de diálogos com as mulheres quilombolas através da plataforma *Google Meet*, criaram um perfil na rede social *Instagram* para divulgar os trabalhos realizados durante o andamento do projeto, formaram uma rede de parceiros externos que contribuíram com apresentações de palestras *on-lines*, e organizaram minicursos com algumas colaboradoras do projeto. Todavia, os minicursos não puderam ser realizados.

Os projetos de extensão passaram por muitas modificações durante esses dois últimos anos, se readaptando à nova realidade. Diante disso, propôs-se a coordenadora que comentasse como ocorreu essa transição (antes da pandemia, durante a pandemia e pós-pandemia) nos projetos de extensão.

[...] antes da pandemia, como a gente fazia isso no presencial então a gente conseguia ver mais de perto os resultados das nossas ações. Então, durante a pandemia veio esse distanciamento, então pensar agora se aquilo que eu fazia no presencial vai trazer resultados se eu estou à distância, mas mesmo assim a gente acreditar que realmente de alguma forma a gente iria contribuir né, junto à comunidade, e a comunidade também tem essa parceria com a universidade. E assim foi, né? Então, a gente, ninguém soltou a mão de ninguém. Nesse momento foi tão difícil, estava todo mundo isolado [...] então durante a pandemia mais uma vez a gente acreditou nesse espaço enquanto transformação. E agora nesse retorno, gradual ao presencial, a gente foi vendo que a gente vai sair nesse movimento de retorno. Então, em cada momento, a gente teve resultados positivos, todos esses momentos houveram ações de transformação. Só que são coisas assim lentas que você vai percebendo, vai se dando conta como é que eu estou no momento [...] Inclusive alguns projetos ficaram híbridos mesmo, entendeu?

Essa fala consegue descrever, brevemente, como foi esse processo de estar no ensino presencial, que era “normal” para todos, especificamente para programas de extensão, e abruptamente “cair de paraquedas” no formato do ensino remoto emergencial, tendo que se adaptar à nova realidade, como aprender como trabalhar em casa, conciliar família e trabalho e, principalmente, se qualificar mais nas novas tecnologias da comunicação e informação. Para os/as extensionistas, desafiador foi conciliar tudo isso com os estudos. Além de ter que repensar como lidar com as comunidades, como continuar as ações extensionistas com esses grupos, as transformações aconteceram, talvez de forma lenta, mas foram realizadas, e de certa forma foram aceitas e se transformaram em um novo “normal”.

4.2 O que pensam as discentes acerca do processo formativo extensionista no projeto

As ex-participantes extensionistas do projeto UFPB no combate à Covid-19: o protagonismo das mulheres do campo quilombolas na economia popular solidária e o seus fazeres educativos, eram compostas por duas bolsistas e duas voluntárias, com facha etária entre 22 à 40 anos, sendo todas graduandas do curso de pedagogia com ênfase na educação do campo, cursando entre o 7º à 10º período.

Ao analisar o processo formativo extensionista do projeto UFPB no combate à Covid-19: o protagonismo das mulheres do campo quilombolas na economia popular solidária e o

seus fazeres educativos, se fez necessário conhecer o plano de trabalho dos/as discentes participantes do projeto e identificar quais ações foram propostas para serem realizadas durante o programa. No plano de trabalho dos/as discentes possuíam nove ações a serem cumpridas que eram: 1) Planejamento participativo com colaboradoras/es e extensionistas; 2) Revisão bibliográfica e estudo teórico com colaboradoras/es e extensionistas; 3) Processo formativo do grupo a partir das rodas de diálogo: colaboradoras, mulheres dos grupos produtivos e extensionistas; 4) Acompanhamento dos canais de divulgação das ações do projeto; 5) Planejamento das oficinas pedagógicas com extensionistas; 6) Execução das oficinas pedagógicas virtuais; 7) Elaboração de artigos e resumos para o ENEX; 8) Elaboração do relatório final; 9) Avaliação do projeto pelos/as mulheres dos grupos produtivos, colaboradoras e extensionistas (avaliação diagnóstica, processual e final).

Diante dessas ações propostas no plano de atividades se faz necessário saber se essas ações conseguiram proporcionar uma formação extensionista adequada para as antigas participantes do projeto, com isso aplicou-se um questionário misto com dez perguntas, abertas e fechadas e de forma anônima, preservando assim as identidades dos/as integrantes, através do *Google Forms* com as quatro ex-participantes extensionistas, o questionário teve como objetivo responder como se deu esse processo formativo durante o projeto, suas contribuições acadêmicas e profissionais, as dificuldades encontradas, e a influência da pandemia para a realização das atividades.

A primeira questão teve como proposta que as respondentes revelassem se consideravam que as experiências obtidas durante o projeto de extensão poderiam auxiliá-las em suas práticas didático-pedagógicas. As respostas foram as seguintes:

Extensionista 1: Sim, a participação na extensão nos trás (*sic*) conhecimentos diversos, principalmente contatos com pessoas e personalidades do meio externo que dificilmente poderíamos contatar estando apenas no prédio universitário.

Extensionista 2: Através da participação no programa de extensão aprimorei minha escrita acadêmica, consegui ler artigos científicos que contribui (*sic*) na minha aprendizagem.

Extensionista 3: Não. Apesar do tema ser bastante relevante e gostaria de ter me aprofundado melhor nas pesquisas sobre o tema, não consegui obter boas experiências, devido a falta de uma boa orientação por parte da orientadora do projeto.

Extensionista 4: Sim, pois a participação na extensão promove o diálogo, aprofunda os conhecimentos e proporciona o contato com a comunidade para além dos muros da universidade, esse processo, além de agregar ao

currículo, enriquece a comunicação e relações em diversos âmbitos, inclusive profissional. Para além disso, a extensão proporciona a exploração de conhecimentos mais práticos e elaborados.

Nota-se que três das quatro respondentes afirmam que as experiências no projeto de extensão foram relevantes para suas práticas pedagógicas, e a única respondente que considerou que as suas experiências no projeto não serviram para auxiliá-la foi devido ao fato de ela acreditar que deveria ter existido uma instrução maior por parte da coordenadora/orientadora do projeto.

Mas ao analisar as falas das respondentes que afirmam que houve contribuições da extensão para suas vidas acadêmicas e profissionais, nota-se que elas sabem qual é a proposta de um projeto de extensão, que é para favorecer os/as discentes vivências que, geralmente, não são alcançadas apenas em sala de aula ou lendo textos, a extensão promove o protagonismo dos/as extensionistas, sendo eles/as os/as responsáveis por fazer o trabalho acontecer, com o acompanhamento de um/a orientador/a.

Na segunda questão, que abordava quais aprendizagens as extensionistas adquiriram participando do projeto de extensão, responderam:

Extensionista 1: Acredito que o principal é o privilégio de conviver com pessoas que buscam o mesmo objetivo que eu no âmbito acadêmico e profissional. Por tanto (*sic*) é uma gama de conhecimento e experiências.

Extensionista 2: Leitura e escrita acadêmica, como escrever resumo expandindo, relatórios, fichamentos de textos e artigos.

Extensionista 3: Nenhuma devido ao pouco tempo que participei.

Extensionista 4: Na ampliação dos meus conhecimentos desenvolvidos previamente e ao longo do curso de Pedagogia com Aprofundamento em Educação do Campo, além de, proporcionar o desenvolvimento de habilidades em relação a pesquisa e a docência. Também, me motivou a aprofundar meus conhecimentos nas áreas de Economia Popular Solidária e Feminismo Camponês.

As extensionistas destacam que as aprendizagens adquiridas por elas foram novos conhecimentos sobre economia popular solidária, experiências, aperfeiçoamento da escrita acadêmica (elaboração de resumos expandidos, relatórios e fichamentos) através das leituras de textos acadêmicos durante o projeto, habilidades em relação à pesquisa e docência e aprofundamento na temática feminismo camponês, essas temáticas trabalhadas discutem acerca dos povos do campo, que é a área de aprofundamento da formação das extensionistas,

Pedagogia com ênfase em educação do campo. Apenas uma respondente relata que por ter passado pouco tempo no projeto não teve nenhum aprendizado.

A extensão favorece que os/as extensionistas aprendam com a prática, mas que “não deve ser tomada apenas como uma prática pela prática, mas ser intencional e estar ligada diretamente com a formação do aluno, em consonância com o saber apreendido nas salas de aula, numa perspectiva que o leve a assimilar os saberes teóricos ao ter contato com a prática” (CAMPOS, 2019, p.34). Esse projeto trouxe temáticas relevantes para formação das discentes, pois trouxe discussões sobre os povos camponeses (quilombolas) que fazem parte do estudo realizado pelas extensionistas no Curso de Pedagogia (com aprofundamento em educação do campo).

A terceira questão propôs que as extensionistas respondessem se participar no projeto de extensão contribuiu na sua formação acadêmica e/ou profissional, elas responderam:

Extensionista 1: Com certeza, uma vez que meu curso é voltado para as pessoas do campo. Esse projeto foi de extrema importância para o conhecimento do povo quilombola do qual não tive contato antes, foi de muito proveito e me sinto privilegiada por ter participado desse projeto.

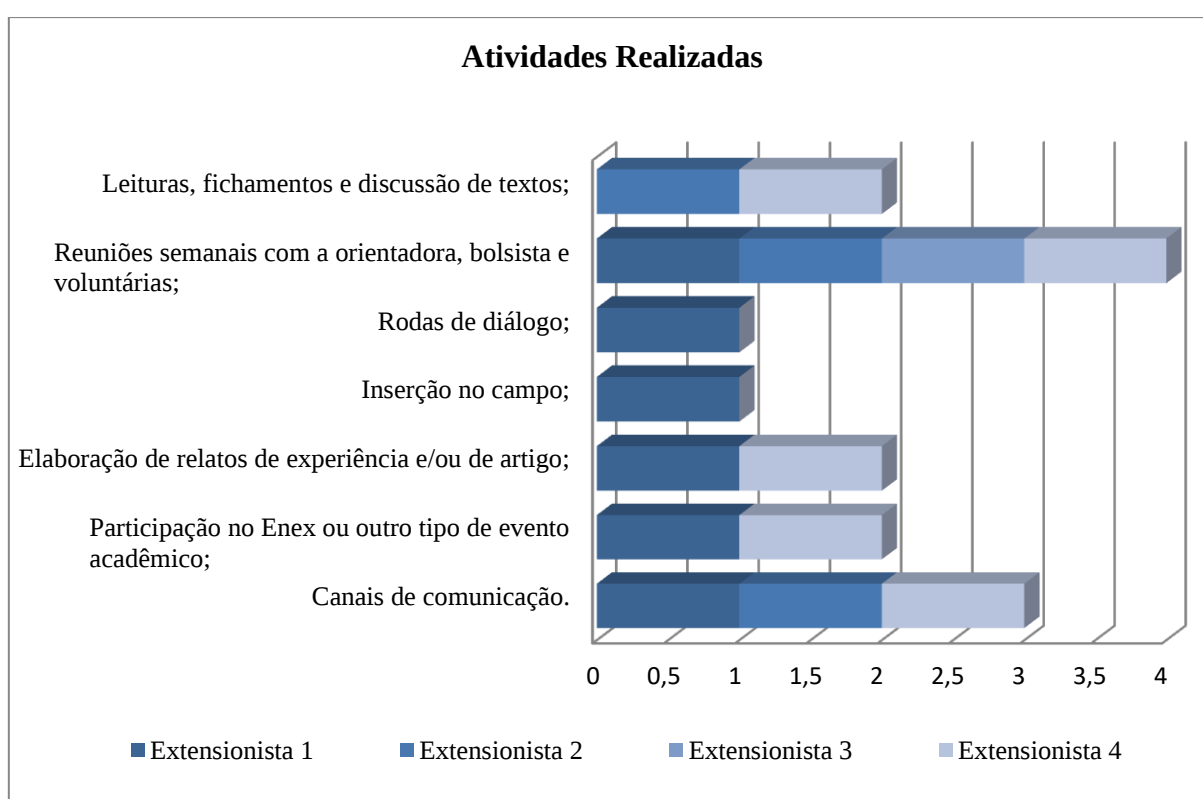
Extensionista 2: Contribuiu na minha formação acadêmica, já que através da extensão meu interesse pela leitura aumentou, fazendo com que eu lesse mais livros e artigos passados pelos professores das disciplinas do curso”.

Extensionista 3: Em quase nada.

Extensionista 4: Sim, pois foi um dos pontos de partida para a linha de pesquisa que gostaria de seguir no âmbito acadêmico e talvez profissional.

De quatro extensionistas, três afirmam que o projeto contribuiu para sua formação acadêmica, uma das respondentes alega que foi devido ao fato de ter adquirido conhecimentos sobre os povos quilombolas, que, com isso, aumentou os seus saberes a respeito dos povos do campo que é a área de aprofundamento do seu curso, mostrando assim que o projeto pode ter de fato colaborado para sua formação. Outra respondente constatou que a participação na extensão fez com que a mesma aguçasse o nível de interesse em ler textos acadêmicos disponibilizados nas disciplinas do seu curso. Uma participante comenta que essa é uma linha de pesquisa que ela gostaria de continuar pesquisando e quem sabe também atuar profissionalmente. Apenas uma extensionista relata que ocorreram poucas contribuições ou “quase nada”, mas que podemos levar em consideração com a resposta anterior que ela relata que participou por pouco tempo do projeto. Sendo assim, teve poucas experiências no projeto.

A quarta questão foi uma pergunta fechada, tendo como proposta que as extensionistas selecionassem as atividades que elas participaram durante a extensão (podendo marcar mais de uma alternativa), com sete opções de resposta que eram: Leituras, fichamentos e discussão de textos; Reuniões semanais com a orientadora, bolsista e voluntárias; Rodas de diálogo; Inserção no campo; Elaboração de relatos de experiência e/ou de artigo; Participação no Enex ou outro tipo de evento acadêmico; Canais de comunicação, a exemplo de *Instagram* (Ecosol Mulheres do Campo PB), grupo no *Whatsapp* e links para reuniões de formação. E, ao final da questão, pedia-se que comentassem sobre as atividades selecionadas. As respostas das extensionistas foram as seguintes:



Fonte: Elaboração da autora

Os comentários que teceram a respeito das atividades que realizaram foram os seguintes:

Extensionista 1: As atividades foram em alguns momentos difíceis de desenvolver, porém tive muita ajuda da orientadora e isso foi de extrema importância. Mesmo com toda dificuldade por ser minha primeira extensão acredito que com a ajuda de todos consegui sair satisfeita.

Extensionista 2: Durante a minha participação na extensão, consegui ler textos e artigos que nas reuniões com todas as participantes essas leituras eram discutidas, o grupo no *WhatsApp* foi uma ferramenta que contribuiu bastante para a comunicação de todas as envolvidas no projeto.

Extensionista 3: Eram realizadas reuniões semanais, mas com poucas discussões sobre os textos lidos.

Extensionista 4: Durante todo o projeto houve reuniões semanais, onde além do planejamento eram realizadas discussões de textos, leituras e fichamentos. Também foi criada uma rede social, através do Instagram, onde semanalmente eram realizadas postagens sobre o andamento do projeto e informações gerais a respeito da economia popular solidária. Houve participação no ENEX, Mostra CE através da criação de vídeo e relatos de experiência.

É notável que algumas participantes envolveram-se em mais atividades do que outras, no entanto, isso pode ter sido acordado entre o grupo (coordenadora e extensionistas) a forma de divisão das atividades, mesmo assim é possível perceber que realizaram variadas ações propostas no plano de atividades.

Uma participante comenta que sentiu dificuldades durante a execução de algumas tarefas, mas que teve suporte por meio da coordenadora do projeto para conseguir concluir essas atividades. Outra participante ressalta que a utilização do grupo de *Whatsapp* contribuiu na comunicação das integrantes do projeto. Já outra respondente, comenta que houve poucas discussões dos textos acadêmicos lidos pelas extensionistas. Uma extensionista relata sobre a criação de um perfil na rede social *Instagram*, onde postavam as ações realizadas durante a realização do projeto e informações sobre economia popular solidária.

Figura 1 – Instagram do projeto





Fonte: Perfil Ecosol Mulheres do Campo PB no Instagram¹¹.

A quinta questão também era uma pergunta fechada, mas podendo ser selecionada apenas uma alternativa, a questão era sobre a participação nos encontros formativos do projeto, tendo como alternativas: Participei praticamente de todos os encontros; Participei de alguns encontros, mas quando não participava, procurava informações; Tive dificuldades de participar dos encontros porque assumi outros compromissos; Faltei a muitos encontros, mas sempre procurei justificar; Tive dificuldades de participar por motivos diversos: problemas de saúde, doença na família, atividades acadêmicas relacionadas às disciplinas, atuação em outros projetos na Universidade.

Extensionista 1: Participei praticamente de todos os encontros.

Extensionista 2: Participei praticamente de todos os encontros.

Extensionista 3: Participei de alguns encontros, mas quando não participava, procurava informações.

Extensionista 4: Tive dificuldades de participar por motivos diversos: problemas de saúde, doença na família, atividades acadêmicas relacionadas às disciplinas, atuação em outros projetos na Universidade.

¹¹ Disponível em: <<https://www.instagram.com/ecosoldocampopb/>>. Acesso em: 10 de nov. 2020.

Três das quatro extensionistas afirmam terem participado na maior parte dos encontros realizados, que é algo muito importante principalmente pelo fato de o projeto ter sido executado no período da pandemia da covid-19, pois mostra como o grupo estava conectado, articulando suas atividades, mesmo que de forma remota. Campos (2019, p.36) realça a importância das reuniões nos grupos de extensão, pois “é durante os encontros que se constrói o conhecimento interligado com a realidade da sociedade, com a vida, com o saber acadêmico e as outras múltiplas formas do saber, que têm por finalidade a formação profissional, pessoal, social e comunitária do estudante”. Apenas uma extensionista afirmou ter tido dificuldades para participar dos encontros por motivos diversos (problemas de saúde e trabalho). Isso demonstra que a pandemia afetou as pessoas de modo diverso, seja aquelas que enfrentavam situações de vulnerabilidade social e tiveram que buscar novos arranjos para sobreviver. Seja o aflorar da dimensão emocional, afetada pela ansiedade e depressão motivada pelo momento pandêmico vivido – uma realidade inimaginável para os humanos. Portanto, a realidade apresentada por uma das participantes do projeto não foi algo incomum no cenário vivido durante a pandemia.

A sexta questão teve como foco a pandemia da covid-19, sendo uma pergunta fechada que poderia ser selecionada mais de uma alternativa, trazendo como questionamento as possíveis dificuldades que impactaram a participação das extensionistas no projeto no período da pandemia. Tendo como alternativas: conciliar trabalho, atividades acadêmicas com as ações do projeto; pouco ou nenhum interesse pelo tema abordado; atuação em diversos projetos na Universidade; doença na família em tempo de pandemia; angústia, depressão, ansiedade causadas pela pandemia e Outro.

Extensionista 1: Conciliar trabalho, atividades acadêmicas com as ações do projeto; Angústia, depressão, ansiedade causadas pela pandemia.

Extensionista 2: Outro - Acredito que a pandemia já foi a dificuldade no projeto, visto que não foi possível ir a campo.

Extensionista 3: Outro - A falta de um bom diálogo com a orientadora do projeto.

Extensionista 4: Conciliar trabalho, atividades acadêmicas com as ações do projeto; atuação em diversos projetos na Universidade; doença na família em tempo de pandemia; angústia, depressão, ansiedade causadas pela pandemia.

As respostas das extensionistas apontam para a existência de fatores causados pela pandemia da covid-19 que impactaram a sua formação, uma das extensionistas declara que as

dificuldades enfrentadas por ela durante a pandemia da covid-19 que atrapalharam sua participação no projeto foi o fato de estar trabalhando e ter passado por crises de ansiedades, por causa da pandemia. Outra extensionista preferiu selecionar a opção outros e comentar que a dificuldade maior foi o distanciamento social, pois a impossibilitou de ir a campo. Já outra extensionista alega que a sua dificuldade foi não ter tido um bom diálogo com a coordenadora do projeto. E uma das extensionistas relata que estava trabalhando, e que houve casos de doença em sua família e consequentemente desenvolveu crises de ansiedade e depressão, essa mesma participante durante o projeto teve que pedir afastamento das atividades por estar passando por essas dificuldades, retornando ao projeto posteriormente.

Pesquisadores do Laboratório de Psiquiatria Molecular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e do Hospital de Clínicas de Porto Alegre confirmaram que “cerca de 80% dos brasileiros sentem-se mais ansiosos, 68% têm sintomas depressivos, 65% expressam sentimentos de raiva, 63% apresentam sintomas somáticos e cerca de 50% relatam alterações no sono” (REVISTA ABCD, 2022, n.p). A pandemia teve um impacto negativo sobre a saúde mental da população adulta em geral.

A sétima questão indagava se as dificuldades enfrentadas na questão anterior influenciaram na formação extensionista das participantes do projeto, e que comentassem sobre isso.

Extensionista 1: De forma negativa acabei adquirindo ansiedade durante a pandemia, o que acabou acarretando diversas crises que me impediram de fazer o meu melhor durante o final do projeto.

Extensionista 2: Sim. Através da pandemia a ida a campo não foi possível, e um dos elementos da extensão é justamente ir a campo para realizar as pesquisas.

Extensionista 3: Não.

Extensionista 4: Sim, pois na pandemia desenvolvi depressão, transtorno de ansiedade generalizada e bulimia nervosa devido ao desgaste emocional. Isso impactou diretamente na minha permanência na extensão.

As extensionistas em sua maioria afirmaram que houve influência negativa da pandemia na sua formação, uma participante relata que sofreu de ansiedade por conta do período da pandemia, que é bastante compreensível, levando em consideração o isolamento social e os números de casos e vítimas da doença. Isso fez com que ela não realizasse as tarefas do projeto da maneira desejada pela mesma, influenciando no seu desempenho. Segunda a Revista ABC (2020, n.p) “um dos motivos apontados pelos pesquisadores para o

aumento desses transtornos foi a divulgação em massa de informações sobre a pandemia por diversos meios de comunicação, principalmente pelas redes sociais”.

Outro ponto que uma extensionista ressalta como influência negativa da pandemia é a própria pandemia no sentido que o isolamento social atrapalhou sua formação extensionista no projeto em relação de que ela não pôde ir a campo, sendo essa uma das características da extensão. Já outra extensionista, alega ter desenvolvido depressão durante a pandemia, transtorno de ansiedade e bulimia nervosa por conta do desgaste emocional, tendo esse fato impactado sua participação no projeto. Uma única responde afirma que não, que as dificuldades enfrentadas por ela durante a pandemia não influenciou a sua formação durante o projeto. Destaca-se aqui que, devido à pandemia, apenas a bolsista esteve presente em campo, com a coordenadora e parte da equipe colaboradora do projeto, durante os meses de outubro a novembro de 2021, quando houve alguma flexibilização das medidas sanitárias.

Diante das respostas das extensionistas, é nítido como a pandemia causou impactos em suas vidas, no sentido de problemas emocionais, e as pesquisas realmente apontam que houve aumento de casos ansiedade e depressão.

Na oitava questão, questionou-se se as extensionistas já haviam participado de outros projetos/programas e qual o tipo de projeto, dando as opções de resposta: Ensino; Extensão; Pesquisa; Essa é a primeira vez que participo.

Extensionista 1: Essa é a primeira vez que participo.

Extensionista 2: Ensino.

Extensionista 3: Essa é a primeira vez que participo.

Extensionista 4: Ensino; Pesquisa; Extensão.

Essa pergunta teve como objetivo saber se as extensionistas possuíam experiências anteriores em outros programas acadêmicos, para compreender se as dificuldades enfrentadas por elas foram devido ao período remoto/de distanciamento, ou porque elas não tinham experiências em programas acadêmicos, e, por conta disso, tiveram mais dúvidas na hora de realizar suas tarefas do projeto. Com isso, pode-se analisar que a *extensionista 4* que possuía experiências com programas de ensino, pesquisa e/ou extensão foi uma das quais mais sentiu dificuldades durante o projeto, apontando que a causa dessas dificuldades foi a pandemia da covid-19, por ter desenvolvido ansiedade e depressão, fazendo com que ela se afastasse do projeto por um curto período.

Em contrapartida, a *extensionista 3* não tinha experiência em programas acadêmicos, se sentindo pressionada e desamparada pela coordenação do projeto, levando-a a se desligar do mesmo. No entanto, por ser sua primeira experiência, talvez não soubesse como é a dinâmica de um projeto de extensão, onde o/a extensionista é o/a protagonista, cabendo a ele/a realizar boa parte das ações, e, ainda mais, por ter participado de forma remota o seu contato com a coordenadora foi menor.

A nona questão propôs que as extensionistas respondessem se consideravam importante que os discentes do ensino superior participassem de programas/projetos de extensão ou ensino, cujo foco fosse o trabalho de campo.

Extensionista 1: Sim, pois como falei anteriormente temos várias experiências importantes que não seriam alcançados apenas no âmbito acadêmico.

Extensionista 2: Sim. Através dos programas e projetos oferecidos pela universidade que tenha como o foco o trabalho de Campo o estudante consegue extrair informações e conhecimentos que apenas a ida à campo oferece.

Extensionista 3: Sim. Muito necessário.

Extensionista 4: Sim, muito importante. A prática na extensão desenvolve uma pluralidade de conhecimentos, para além disso, motiva o aluno e desenvolve práticas que são de suma importância no processo formativo e profissional.

As extensionistas acreditam que é importante que os discentes passem por experiências fora da universidade, que o trabalho de campo é necessário para a formação acadêmica, pois, segundo uma das participantes, alguns conhecimentos só podem ser construídos com a ida ao campo. Ou seja, a relação teoria e prática proporcionada pelas atividades no campo contribuem muito para a formação acadêmica. Campos (2019, p.37, *apud* GONZATTI ET AL, 2013). aponta que:

É na extensão que se encontra uma formação mais completa, e menos fragmentada [...] por permitir uma constante (des)(re)construção dos sentidos e significados do conhecimento no contato com o real, com a vivência fora dos muros da universidade, assim a extensão propicia muito mais aspectos dos que os presentes na sala de aula, fortalece a autonomia, a tomada de decisão, o compromisso social, a alteridade, a criatividade.

A décima e última questão era para saber se as extensionistas indicariam algum colega para participar do programa de extensão e o porquê.

Extensionista 1: Sim, além de dá uma grande contribuição para o currículo, os conhecidos e experiências adquiridas são riquíssimas para nossa vida acadêmica e profissional.

Extensionista 2: Sim. Através de programas de extensão o estudante conhece o universo acadêmico e o trabalho de um pesquisador.

Extensionista 3: Sim. Pq vai enriquecer na sua vida acadêmica.

Extensionista 4: Sim, muito importante. A prática na extensão desenvolve uma pluralidade de conhecimentos, para além disso, motiva o aluno e desenvolve práticas que são de suma importância no processo formativo e profissional.

Todas as respondentes alegaram que indicariam um colega a participar de programas de extensão, pois acreditam que é uma experiência que pode além de agregar no currículo, também contribui na formação acadêmica, proporcionando experiências fora da academia, assim desenvolvendo práticas importantes no processo formativo e profissional. “A extensão universitária, não é apenas um espaço a mais de formação, é um espaço imerso em vida, em contraste de ideias de fazeres e aprendizados” (CAMPOS, 2019, p.37).

Ao observar as respostas dos/as integrantes do projeto UFPB no combate à Covid-19: o protagonismo das mulheres do campo quilombolas na economia popular solidária e o seus fazeres educativos, pode-se notar que os/as extensionistas seguiram o plano de atividades do projeto, assim atingindo os objetivos do programa, e que também adquiriram conhecimentos acerca da economia popular solidária e dos povos do campo no decorrer desse percurso. Mesmo assim, os/as participantes do programa afirmaram que a pandemia influenciou nos seus processos de formação extensionista, por motivos variáveis, como não poder ir a campo, problemas de saúde devido o isolamento social por parte de algumas, insatisfação com as orientações recebidas. No entanto, essa insatisfação é apresentada por apenas uma respondente, e todas afirmam que mesmo com as dificuldades enfrentadas durante o projeto indicariam outras pessoas a participarem de programas de extensão/pesquisa que envolva trabalhos de campo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa buscou responder como ocorreu o processo formativo extensionista no projeto UFPB no combate à Covid-19: o protagonismo das mulheres do campo quilombola na economia popular solidária e o seus fazeres educativos. Partiu-se do pressuposto de que a pandemia da Covid-19 pode ter prejudicado o projeto, impedindo ou limitando a execução de determinadas ações. Neste sentido, as análises dos dados apontaram que a formação extensionista ocorreu no formato remoto tendo o distanciamento social como um dos empecilhos, causando crises de ansiedade e depressão em alguns/as participantes do projeto e desmotivação na sua participação.

Vale considerar que a UFPB investiu na formação docente e discente, oportunizando a realização de diversos cursos em tecnologia da informação e traçando políticas de acesso para atender os/as discentes em situação de vulnerabilidade. Por outro lado, não se pode desconsiderar também que essa tentativa de inserção e/ou mais qualificação da comunidade gerou um processo de exaustão, especialmente para docentes, uma vez que essa formação foi realizada em serviço. Outrossim, a categoria discentes do Curso de Pedagogia (com área de aprofundamento em Educação do Campo) também foi muito impactada, sobretudo por ter que conciliar trabalho com estudo. No entanto, os dados apontaram que mesmo com a pandemia foi possível realizar por meio das extensionistas grande parte das ações presentes no plano de atividades do projeto UFPB no combate à Covid-19: o protagonismo das mulheres do campo quilombola na economia popular solidária e o seus fazeres educativos.

As informações colhidas durante a pesquisa mostram que o formato remoto impulsionou que os/as extensionistas junto com a coordenadora do projeto criassem/adaptassem novos meios de estar junto à comunidade, mesmo estando distante, desenvolvendo rodas de diálogos com temáticas pertinentes ao trabalho desenvolvido por eles/as. E por ser no formato remoto, essas rodas que poderiam ser algo “exclusivo” para as mulheres quilombolas, foi aberta ao público tendo assim um alcance satisfatório, que talvez não tivesse sido atingido no formato presencial.

O estudo mostrou que o processo extensionista ocorre de forma que priorize o protagonismo dos/as discentes, apontando-os/as como os/as responsáveis por fazer o projeto acontecer, tornando-se os/as atuantes e protagonistas de sua formação.

A entrevista com a coordenadora adjunta da Assessoria de Assessoria de Extensão do Centro de Educação professora Dra. Maria da Conceição apontou que o Centro de Educação da UFPB, compreende extensão como um processo educativo, cultural, científico e

tecnológico, que viabiliza a interação da academia com as comunidades, proporcionando aos/as extensionistas atuarem como protagonistas nos projetos de extensão. O relato transpareceu que o CE utiliza da concepção acadêmica, do qual existe uma “vida de mão dupla” onde a universidade e comunidades trabalham em conjunto. Em sua fala também traz informações acerca dos desafios enfrentados durante a pandemia e como a assessoria contornou-os, relatando que os projetos tiveram que se readequar para o formato remoto emergencial, passando pelas dificuldades relacionadas com a conectividade das comunidades assistidas, e como criaram outros meios de divulgação através das redes sociais, tendo como a principal o *Instagram*.

O questionário aplicado os/as extensionistas permitiu que as pesquisadas comentassem acerca das experiências obtidas durante o projeto de extensão, quais contribuições e aprendizagens adquiriram para formação acadêmica através da participação no projeto, tendo como apontamento aquisição de conhecimentos em relação à economia popular solidaria e o feminismo camponês. O questionário possibilitou que os/as extensionistas indicassem quais as ações realizaram durante o projeto, e como elas ocorreram. E também relataram quais dificuldades impactaram a participação no projeto durante a pandemia da covid-19, tendo como exemplo, desenvolvimento de ansiedade e depressão.

Este trabalho permitiu à pesquisadora adquirir conhecimentos acerca da história da extensão universitária, no Brasil, e quais suas concepções norteiam as práticas extensionistas e a formação extensionista. Este trabalho teve como sujeitos de pesquisa discentes graduandas do curso de pedagogia com ênfase no campo, que participaram de um projeto de extensão voltado para mulheres do campo quilombola, com isso a pesquisa em educação do campo se faz necessária para compreender o processo formativo extensionista dessas discentes.

6 REFERÊNCIAS

AMARAL, Cleonice Matos; MATEUS, Kergilêda Ambrósio de Oliveira. Concepções de Educação do Campo: uma revisão sistemática de literatura. **Revista Brasileira de Educação do Campo**, 2022. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/campo/article/view/12925/19849>>. Acesso em: 12 de out. 2022.

As pectos emocionais e pandemia. **Revista ABCD**, São Paulo, 13 de jan. 2020. Disponível em: <<https://www.abcd.org.br/blog/artigos/aspectos-emocionais-e-pandemia/>>. Acesso em: 22 de nov. 2022.

BUVINICH, Manuel; CARVALHO, Bernardina; GUERRA, Lúcia. **ENTENDENDO A EXTENSÃO**. UFPB: João Pessoa, 2011. Disponível em: <<http://www.ctdr.ufpb.br/ctdr/contents/documentos/pdf/cartilhadeextensao.pdf>>. Acesso em: 21 de set. 2022.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Página.

Brasil. Decreto nº 7.234, de 19 de jun.de 2010. Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil - PNAES. **Presidência da República Casa Civil**, Subchefia para Assuntos Jurídicos, Brasília, 19 de julho de 2010.

BRASIL. Lei nº 5.540, de novembro de 1968. Capítulo I do ensino superior. **Diário Oficial da União**: seção 1, ano 1968, p.10369, 29 de nov. 1968.

CALDART, Roseli Salete. **EDUCAÇÃO DO CAMPO: NOTAS PARA UMA ANÁLISE DE PERCURSO**. Trab. Educ. Saúde, Rio de Janeiro, v. 7 n. 1, p. 35-64, mar./jun.2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tes/a/z6LjzpG6H8ghXxbGtMsYG3f/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 12 de out. 2022.

CAMPOS, Gabriel Torres Arrais Fernandes. **A formação inicial de professores pela extensão universitária**: a experiência dos círculos formativos com professores iniciantes / ingressantes. 2019. 68 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) — Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: <https://bdm.unb.br/bitstream/10483/30596/1/2019_GabrielTorresArraisFernandesCampos_tc_c.pdf>. Acesso em: 22 de set. 2022.

COMO A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA SURTIU NO BRASIL. **UNIT Universidade Tiradentes**, 08 de jun. de 2021. Disponível em: < <https://portal.unit.br/blog/noticias/como-a-extensao-universitaria-surgiu-no-brasil/#:~:text=A%20extens%C3%A3o%20come%C3%A7ou%20a%20tomar,%C3%A0%20%C3%A1rea%20nas%20universidades%20p%C3%ABlicas.>>. Acesso em: 16 de set. 2022.

CORONAVÍRUS: Brasil confirma primeiro caso da doença. **UNA-SUS**, 27 de fev. 2020. Disponível em: <<https://www.unasus.gov.br/noticia/coronavirus-brasil-confirma-primeiro-caso-da-doenca>>. Acesso em: 25 de ago. 2022.

DIAS, Daniele. **Extensão**. Centro de Educação, João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, 10 de fev. 2021. Disponível em: <http://www.ce.ufpb.br/ce/contents/menu/ensino-pesquisa-e-extensao/extensao-1>>. Acesso em: 19 de nov. 2022.

EDUCAÇÃO E CORONAVÍRUS – Quais são os impactos da pandemia?. **Sae Digital**, 2020. Disponível em:< <https://sae.digital/educacao-e-coronavirus/>>. Acesso em: 09 de set. 2022.

ENTENDA COMO A PANDEMIA IMPACTOU A EDUCAÇÃO NO BRASIL. **Fundação Abrinq**. São Paulo – SP. 26 de out. 2021. Disponível em:< <https://www.fadc.org.br/noticias/entenda-como-a-pandemia-impactou-a-educacao-no-brasil>>. Acesso em: 09 de set. 2022.

FERREIRA, Cleonilde Sousa. **A extensão universitária na formação docente do curso de pedagogia do IEAA**: um olhar para as experiências discentes nos projetos de literatura. Orientador: Maria Isabel Alonso Alves. 8 jun. de 2021. TCC – Pedagogia, departamento de agricultura e ambiente, Instituto de Educação. 2021. Disponível em: <<http://riu.ufam.edu.br/handle/prefix/5878>>. Acesso em: 21 de nov. 2022.

FERNANDES, Adalberto Campos. **As grandes pandemias da história da Europa e os seus impactos na nossa civilização**: desafios da moderna saúde pública. Cad. Ibero-amer. Dir. Sanit., Brasília, abr./jun., 2021. Disponível em: <<https://www.cadernos.prodisa.fiocruz.br/index.php/cadernos/article/view/780/804>>. Acesso em: 07 de out. 2022.

FREIRE, Paulo. **Extensão e comunicação?**. Edição 8. Rio de Janeiro: Paz e Terra.1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**, saberes necessários à prática educativa/ Paulo Freire- 51. ed Rio de Janeiro: paz e terra,2015.

GADOTTI, Moacir. **Extensão Universitária: Para quê?**. 2017. Disponível em: < https://www.paulofreire.org/images/pdfs/Extens%C3%A3o_Universit%C3%A1ria_-_Moacir_Gadotti_fevereiro_2017.pdf>. Acesso em: 20 de set. 2022.

GERHARDT, Tania Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. Edição 4. São Paulo: Atlas, 2002.

HISTÓRICO DA PANDEMIA DE COVID-19. **Organização Pan-Americana da Saúde**, 2020. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19#:~:text=Em%2031%20de%20dezembro%20de,identificada%20antes%20em%20seres%20humanos.>>. Acesso em: 25 de ago. 2022.

JEZINE, Edineide. As Práticas Curriculares e a Extensão Universitária. In: 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, Belo Horizonte, 12 a 15 de set. 2004. Disponível em: < <https://www.ufmg.br/congrext/Gestao/Gestao12.pdf>>. Acesso em: 20 de set. 2022.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, **LDB**. 9394/1996. BRASIL.

MÉLO, Cláudia Batista *et al.* **Extensão universitária no Brasil e seus desafios durante a pandemia do COVID-19.** Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento, [S. l.], v. 10, n. 3, pág. e1210312991, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i3.12991. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/12991>>. Acesso em: 10 out. 2022.

MILITZ WYPYCZYNSKI MARTINS, Rosa Elisabete, MARTINS FILHO, Lourival. José, & BATTISTI DE SOUZA, Alba Regina. Extensão universitária e formação docente: diálogos com a Educação Básica. **Revista De Educação PUC-Campinas**, 26, 1–13. Disponível em: <<https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/reveducacao/article/view/5089/3320>>. Acesso em: 22 de set. 2022.

OLIVEIRA, Maria Auxiliadora Monteiro; LISBÔA, Eliene Soares dos Santos; SANTIAGO, Nilza Bernardes. PANDEMIA DO CORONAVÍRUS E SEUS IMPACTOS NA ÁREA EDUCACIONAL. v.13, n. 1. Belo Horizonte: **Pedagogia em Ação**, 2020. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/23750/16762>>. Acesso em: 06 de out. 2022.

O QUE É PANDEMIA? Definição, histórico e gravidade. **Guia Estudantil**, 18 de mar. 2020. Disponível em: <<https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/o-que-e-pandemia-definicao-historico-e-gravidade/>>. Acesso em: 02 de set. 2022.

PAIVA, Adriana Borges de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; HILLESHEIM, Mara Cristina Piolla. ANÁLISE DE CONTEÚDO: UMA TÉCNICA DE PESQUISA QUALITATIVA. **Revista Prisma**: Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 16-33, 2021. Disponível em: <<https://revistaprisma.emnuvens.com.br/prisma/article/view/40/31>>. Acesso em: 13 de out. 2022.

PAULA, João Antônio de. A extensão universitária: história, conceito e propostas. Interfaces -**Revista de Extensão**, v. 1, n. 1, p. 05-23, jul./nov. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistainterfaces/article/view/18930/15904>>. Acesso em: 20 de set. 2022.

Repositório de dados COVID-19 do Centro de Ciência e Engenharia de Sistemas (CSSE) da Universidade Johns Hopkins. **CSSEGIS e Dados**. Disponível em: <<https://github.com/CSSEGISandData/COVID-19>>. Acesso em: 05 de out. 2022.

RIBEIRO, Wandy. 5 principais pandemias da história. **ICTQ Farmácia Clínica**, 2021. Disponível em: <<https://ictq.com.br/farmacia-clinica/2485-5-principais-pandemias-da-historia>>. Acesso em: 09 de set. 2022.

RODRIGUES, Leticia. Conheça as 5 maiores pandemias da história. **GALILEU**, 29 de mar. 2020. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Saude/noticia/2020/03/conheca-5-maiores-pandemias-da-historia.html>>. Acesso em: 09 de set. 2022.

ROLIM, Francisca André dos Santos. **O papel da extensão universitária: uma contribuição para a formação do (a) pedagogo (a) em espaços diversos.** 2019. 47f.Trabalho de Conclusão

de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, Paraíba, Brasil, 2019. Disponível em: <<http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/riufcg/6284/FRANCISCA%20ANDR%c3%89%20DOS%20SANTOS%20ROLIM.%20TCC.%20LICENCIATURA%20EM%20PEDAGOGIA.2019.pdf?sequence=3&isAllowed=y>>. Acesso em: 22 de set. 2022.

QUEIROZ, Fernanda Cristina Barbosa Pereira. Etal. Pandemia da covid-19 e os impactos nas atividades acadêmicas no Brasil. **Studies in Education Sciences**, Curitiba, v.3, n.1, p.61-85, jan./mar., 2022. Disponível em: <<file:///C:/Users/n/Downloads/CORRE%C3%87%C3%83O+Fernanda+Cristina.pdf>>. Acesso em: 05 de out. 2022.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. Atlas: São Paulo, 1987.

ZIECH, Márcia Eliana. A Educação do Campo na Perspectiva da Educação Popular. **Contexto & Educação**, Editora Unijuí, Ano 32, nº 102, Maio/Ago. 2017. Disponível em: <<file:///C:/Users/n/Downloads/6463-Texto%20do%20artigo-32196-1-10-20170906.pdf>>. Acesso em: 13 de out. 2022.

APÊNDICE

Questionário do Google Forms. Disponível em: <<https://forms.gle/KQT9eWDTVoiAnLSs5>>. Acesso em: 02 de nov. 2022.

Termo de consentimento informado

Eu, _____,
CPF _____, Brasileira(o), **autorizo o uso do meu NOME e das informações prestadas por mim, por prazo indeterminado** no trabalho de conclusão de Curso, da discente Larissa Maria da Silva Lima, da turma de Pedagogia Educação do Campo na Universidade Federal da Paraíba, situada à Lot. Cidade Universitária, Campus I, João Pessoa PB, CP: 58051-900, sem para isto receber qualquer contrapartida financeira.

João Pessoa, _____ de Novembro de 2022.

Assinatura

Fonte: Elaboração própria

Tabela – Estado da arte

ANO E PLATAFORMA	AUTORIA E REFERENCIA	TITULO	R. DE EXPERIENCIA, ARTIGO	AUTORES UTILIZADOS

Fonte: Elaboração própria